

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA- PPGH/UFAM

DANIEL LOPES COMAPA CAVALCANTE

MUITO ALÉM DE LOUÇAS, GARRAFAS E MANILHAS: ARQUEOLOGIA E
HISTÓRIA NO IGARAPÉ DO SÃO RAIMUNDO (MANAUS SÉC. XIX-XX)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Manaus
Maio de 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA- PPGH/UFAM

DANIEL LOPES COMAPA CAVALCANTE

**MUITO ALÉM DE LOUÇAS, GARRAFAS E MANILHAS: ARQUEOLOGIA E
HISTÓRIA NO IGARAPÉ DO SÃO RAIMUNDO (MANAUS SÉC. XIX-XX)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. James Roberto Silva

Manaus
Maio de 2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C376m Cavalcante, Daniel Lopes Comapa
Muito além de louças, garrafas e manilhas: arqueologia e história
no Igarapé do São Raimundo (Manaus Séc. XIX-XX) / Daniel Lopes
Comapa Cavalcante . 2024
101 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: James Roberto Silva
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Arqueologia urbana. 2. Cultura material. 3. História social. 4.
Prosamim III. I. Silva, James Roberto. II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

Dedico este trabalho aos meus pais, à
minha filha e aos amigos que sempre
me incentivaram.

*Um público interessado e informado não
destruirá seu passado... (Philip Rahtz, 1989)*

DANIEL LOPES COMAPA CAVALCANTE

**MUITO ALÉM DE LOUÇAS, GARRAFAS E MANILHAS: ARQUEOLOGIA E
HISTÓRIA NO IGARAPÉ DO SÃO RAIMUNDO (MANAUS SÉC. XIX -XX)**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. James Roberto Silva (presidente)
Universidade Federal do Amazonas
Departamento de História

Profa. Dra. Tatiana de Lima Pedrosa Santos
Universidade do Estado do Amazonas
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas

Prof. Dr. Rafael Ale Rocha
Universidade Federal do Amazonas
Departamento de História

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força a mim concedida nesta jornada.

Agradeço à minha família, começando por mãe Haydeé Delmira Lopes, que sempre me incentivou na busca pelo conhecimento e me apoiou em momentos cruciais de grandes baixas. À tia Odethe Lopes Bindá, que nos deixou em 2018 e muito me ajudou e incentivou nas minhas empreitadas. Agradeço a todos os meus irmãos e irmãs biológicos que, de alguma forma, me ajudaram e me ajudam em momentos difíceis, a Gláucia, Marcos, Timóteo e Helem.

Agradeço à minha filha, Landa Jasmim, por me proporcionar muita alegria, até nos momentos em que “atrapalhava”, mas que foram fundamentais no processo naquele momento.

Agradeço a quem começou comigo nessa jornada me apoiando, e a quem entrou posteriormente como, Ane Gouvêia, que muito me incentivou em momentos de transições. À Ana Guerreiro, a quem devo muito pelo incentivo e auxílio nessa missão, com ideias e textos aliados à perspicácia do seu conhecimento em patrimônio cultural e arquitetônico. À Laís Fernanda Borges, que entrou na minha vida acrescentando muito apoio, não apenas moral, mas dedicado, sem o qual não teria conseguido continuar esta jornada.

Agradeço pelas aulas ministradas pelos professores Almir Diniz de Carvalho Junior, cuja contribuição me foi dada na disciplina História, Cultura e Representações; Nelson Tomelin Jr, na matéria História, Políticas, Instituições e Práticas Sociais, que me permitiu adentrar em esferas da história política; Raimundo Nonato, com História Indígena e do Indigenismo, contribuindo para o entendimento de outros fenômenos abordados pela História Amazônica, e às professoras da PUC-SP, Maria do Carmo do Rosário, a qual ministrou a disciplina História e Cultura, e à Heloísa Farias Cruz, com a matéria História e Cidade, ambas contribuindo muito para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para o começo, desenvolvimento e conclusão desta pesquisa: à Bolsa FAPEAM, que me possibilitou, no primeiro momento, o início e o desenvolvimento da dissertação, ao PROCAD, que me possibilitou cumprir disciplinas de pós-graduação na PUC de São Paulo, dentro do programa de mobilidade acadêmica entre PPGH-UFAM e PPGH-PUCSP.

Agradeço à UFAM, ao IFCHS-UFAM e ao PPGH-UFAM, por sua existência e auxílio aos discentes do programa, aos coordenadores e, especialmente, ao secretário, Jailson Soares Mota, que me auxiliou bastante e tem ajudado os discentes do PPGH-UFAM em suas dúvidas e necessidades acadêmicas.

Agradeço ao Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, na figura da Arqueóloga Dr.^a Tatiana Lima, que me cedeu autorização para a análise dos artefatos, parte fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço à professora Maria Arminda de Souza pela influência e por compartilhar seu conhecimento comigo.

Por fim, agradeço ao meu orientador, o professor James Roberto Silva, que me conduziu nessa jornada, me direcionando no caminho certo a ser percorrido, em nossas reuniões de orientações, nas correções do texto, nas conversas e matérias ministradas.

A todos, muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho buscou entender o modo de vida de parte da sociedade de Manaus a partir da análise da cultura material identificada e coletada em torno da área de várzea próxima ao Igarapé do São Raimundo, localizado na capital do Estado do Amazonas. O material investigado foi coletado no quadro do programa de arqueologia urbana, desenvolvido durante a terceira etapa do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM III). Todos os artefatos coletados foram guardados e tratados no Laboratório Alfredo Mendonça de Souza (SEC-AM), que possui a sua custódia. A análise de toda a materialidade encontrada naquela localidade abriu caminho para a compreensão de aspectos da dinâmica social dos que ali viviam, jogou luz sobre evidências de estruturas construtivas de moradias e prédios fabris, públicos e privados. Os artefatos do cotidiano, como louças, faianças portuguesas e inglesas, porcelanas provenientes da China e da Inglaterra, material vítreo como garrafas de bebidas, perfumarias e remédios, além de dentes de gado e fragmentos de cerâmica indígena forneceram um panorama das dinâmicas cotidianas daquele núcleo social.

Palavras-Chave: 1. Arqueologia urbana; 2. Cultura material; 3. História social; 4. PROSAMIM III.

ABSTRACT

This work aimed to understand the way of life of part of Manaus society based on the analysis of the material culture identified and collected around the floodplain area close to Igarapé do São Raimundo, located in the capital of the State of Amazonas. The material investigated was collected within the scope of the urban archeology program, developed during the third stage of the Social and Environmental Program of the Manaus Igarapés (PROSAMIM III). All collected artifacts were stored and treated at the Alfredo Mendonça de Souza Laboratory (SEC-AM), which is in custody. The analysis of all the material found in that location opened the way to understanding aspects of the social dynamics of those who lived there, and shed light on evidence of construction structures of housing and factory buildings, public and private. Everyday artifacts, such as crockery, Portuguese and English faience, porcelain from China and England, vitreous material such as bottles of drinks, perfumes and medicines, as well as cattle teeth and fragments of indigenous ceramics provided an overview of the daily dynamics of that nucleus Social.

KEYWORDS: 1. Urban Archeology; 2. Material Culture; 3. Social History; 4.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cronologia Cerâmica da Amazônia Central, adaptado de Hilbert (1968).	53
Quadro 2 - Cronologia Cerâmica da Amazônia Central, adaptado do PAC (Projeto Amazônia Central).....	53
Quadro 3 - Ficha de cadastro de bens arqueológicos - IPHAN.	58
Quadro 4 - Artefatos coletados na prospecção de superfície (caminhamento).	66
Quadro 5 - Nível de artefatos coletados na unidade de escavação.....	67
Quadro 6 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado).	68
Quadro 7 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado).	68
Quadro 8 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado).	69
Quadro 9 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado)	69
Quadro 10 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado).	69
Quadro 11 - Quadro 8 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado).....	70
Quadro 12 - Acervo do Sítio Arqueológico Quadra Bairro 06, AM-MA-118.	71
Quadro 13 - Quantitativo do material coletado no Sítio Vila de São Francisco.	73
Quadro 14 - Material coletado em superfície.....	85
Quadro 15 - Material coletado.....	90

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Áreas de localização do PROSAMIM na cidade de Manaus - Fonte UGPE.	14
Figura 2 - Mapa do Amazonas, Manaus e dos sítios arqueológicos do Igarapé do São Raimundo.	22
Figura 3 - Retirada do relatório fina: De cima para baixo da esquerda para direita; Unidade escavação, unidade com as proteções, idem, poço teste no fim da unidade, equipe analisando o perfil da periferia do sítio já evidenciado o leito do igarapé pelas máquinas.	62
Figura 4 - Perfil estratigráfico da unidade de escavação (Retirado do Relatório final).	65
Figura 5 - À esquerda, Manilhas de argila coletadas no PROSAMIM III e à direita Arqueólogo explicando sobre a exposição.	72
Figura 6 - Fragmentos de cerâmica pré-colonial do Sítio Vila de São Francisco.	75
Figura 7 - Frascos de vidro de diferentes fabricações e períodos: da esquerda para direita frasco de perfume, remédio, remédio, perfume e perfume.	75
Figura 8 - Garrafas de vidro artesanal para uso de bebida.	76
Figura 9 - Artefatos de louça coletados no Sítio Vila de São Francisco.	77
Figura 10 - Outros tipos de material, telha e piso.	78
Figura 11 - detalhe de Garrafas de grés de fabricação holandesa Wynand Fockink - Amsterdam.	79
Figura 12 - Garrafa de Grés Coletada no Sítio Arqueológico Vila de ao Francisco.	81
Figura 13 - De cima para baixo – As duas primeiras mostram a estrutura em perspectiva de cima da ponte atual – A terceira mostra a partir da outra margem em primeiro plano uma coluna do mesmo período e ao fundo a estrutura.	85
Figura 14 - Caneca de porcelana norueguesa coletada na Ponte Velha.	86
Figura 15 - Fragmentos de piso coletados na ponte velha.	86
Figura 16 - Garrafas de remédio de fabricação artesanal coletadas na Ponte Velha.	86
Figura 17 - Dentes de gado encontrados há mais de 60 cm de profundidade – abaixo detalhes de desgaste.	88
Figura 18 - Louças e frascos de remédio para sarampo.	89
Figura 19 - Louças e frascos de remédio para sarampo.	89
Figura 20 - Garfos de metal; de cima para baixo garfo de metal com marca de fábrica contemporânea – Garfo de metal com decoração período histórico.	89

SUMÁRIO

Considerações iniciais	12
Capítulo 1.	15
Paisagem Cultural e o PROSAMIM – O PROSAMIM - Os bairros afetados pelo projeto de arqueologia urbana no PROSAMIM III	15
1.1 Paisagem Cultural no PROSAMIM.....	15
1.2 O PROSAMIM.....	19
1.2 Os bairros afetados pelo projeto PROSAMIM III	22
1.2.1 Bairro de Nossa Senhora de Aparecida	24
1.2.2 Bairro de São Raimundo	25
1.2.3 Bairro da Glória.....	27
Capítulo 02.	27
Arqueologia urbana e suas teias de significados - História e Cultura - História e Cidade - Breve histórico sobre a cidade de Manaus - Breve histórico da arqueologia no Amazonas e em Manaus: Do Projeto ArqueoUrbs ao Projeto de Arqueologia urbana no PROSAMIM III	27
2.1- Arqueologia urbana e suas teias de significados.....	27
2.2 História e cultura	34
2.3 História e cidade	42
2.4 Breve histórico sobre a cidade de Manaus.....	47
2.5 Fundamentos legais de proteção ao patrimônio cultural brasileiro	47
2.6 Breve histórico da arqueologia no Amazonas e em Manaus: Do Projeto ArqueoUrbs ao Projeto de Arqueologia urbana no PROSAMIM III	49
Capítulo 03.	54
Critérios e métodos - Os sítios arqueológicos da área do igarapé do São Raimundo .	54
3.1 Critérios e métodos.....	54
3.2 Os sítios e artefatos arqueológicos da área do igarapé do São Raimundo	59
3.2.1 O Sítio arqueológico Igarapé Belchior	59
3.4 Sítio arqueológico Coronel Salgado	67
3.5 Sítio arqueológico Quadra Bairro 06	70
3.6 Sítio Arqueológico Urbano Vila de São Francisco	73
04 Considerações finais.....	90
05 Referências.....	95

Considerações iniciais

Esta pesquisa parte da análise da Cultura Material, entrelaçada com a História Social, para investigar os vestígios culturais móveis (artefatos) e imóveis (estruturas), para observar e compreender processos de modificação da paisagem relacionados à ocupação humana ocorrida no Igarapé do São Raimundo. Faz parte dos objetivos da pesquisa a análise de artefatos coletados nos sítios arqueológicos identificados em prospecções realizadas durante o PROSAMIM III¹. Com isto, tem-se o propósito de identificar artefatos, inventariar a cultura material móvel e imóvel e identificar padrões arquitetônicos, bem como técnicas construtivas das estruturas edificadas. A área focal foi a foz do igarapé do São Raimundo, no ponto em que deságua no rio Negro, na cidade de Manaus. Essa área tem uma grande importância histórica e arqueológica, pois guardou vestígios da ocupação humana e da cultura material da região.

Nesse sentido, com a retirada de moradias instaladas no perímetro que abrangia a cota de até 50 metros nas duas margens do igarapé, foram feitos acompanhamentos pela equipe de arqueologia logo que essas moradias sofreram derrubadas.

Atravessando-se, pela rua Cinco de Setembro, a ponte que liga o bairro de Aparecida ao bairro do São Raimundo, em ambos os sentidos, são notáveis as construções de períodos mais antigos, com arquitetura específica da chamada *Belle époque* manauara². Ainda era possível notar a estrutura de uma ponte feita de pedra, de fins do século XIX, bem abaixo da ponte contemporânea. Essa ligação entre o Centro e o bairro só foi concretizada na década de 1980 com a construção da Ponte Senador Fábio Lucena pela empreiteira Andrade Gutierrez. É neste contexto geográfico que se insere o projeto de Arqueologia Urbana dentro do programa PROSAMIM III em Manaus. Esse projeto foi iniciativa da Unidade Gestora de Projetos Especiais (UGPE) em parceria com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), sendo executado pela empresa Supysaua Arqueologia, sediada em Manaus. Seu objetivo era o de resgatar e preservar o patrimônio cultural e histórico das áreas afetadas pelas obras de infraestrutura e urbanização do PROSAMIM III.

¹ Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus III, do Governo do Estado do Amazonas, executado entre 2012 e 2021.

² Nome atribuído ao período compreendido entre o final do século XIX e início do XX.

O projeto de arqueologia urbana no PROSAMIM III realizou diversas atividades, como: levantamento e diagnóstico do potencial arqueológico das áreas de intervenção do PROSAMIM III, escavação e salvamento arqueológico, prospecções, educação patrimonial, curadoria do material coletado e exposições desse material para a comunidade. Com essas ações, o projeto procurou contribuir para a valorização e proteção do patrimônio cultural e histórico de Manaus, revelando aspectos da ocupação humana, da formação urbana e da diversidade cultural da cidade ao longo do tempo.

Anteriormente ao PROSAMIM III, os programas PROSAMIM I e PROSAMIM II foram executados sem o devido acompanhamento de uma equipe arqueológica, embora vários igarapés da cidade de Manaus estivessem localizados em áreas de alto potencial histórico e arqueológico no Centro da cidade. Nesses locais, durante as etapas I e II, as máquinas interferiram no solo e subsolo sem o devido acompanhamento de profissionais da arqueologia, cabendo uma investigação mais profunda nesse passivo arqueológico. Em face disso e a partir de solicitação do BID (Banco Internacional de Desenvolvimento), o monitoramento arqueológico foi incluído neste contexto da obra, embora já existissem decretos que amparavam os trabalhos arqueológicos.

De 2012 para 2013, inicia-se a execução da obra no Igarapé do São Raimundo, sendo a empresa Supysaua Arqueologia a executora do projeto inicial. Já em 2018, a empresa A Lasca Arqueologia, de São Paulo, finalizou outras etapas da área focal, identificando outros sítios e artefatos arqueológicos, os quais não integraram esta pesquisa, ainda que tenham tido como local de salvaguarda o mesmo Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza da SEC/AM.

Esta pesquisa está dividida em 3 capítulos. No capítulo 1, intitulado Arqueologia urbana em Manaus às margens do igarapé do São Raimundo: O caso do PROSAMIM, é apresentado o início da implantação do projeto PROSAMIM. Nele são descritos os bairros por onde passou o programa e finaliza com os critérios e métodos utilizados na arqueologia urbana PROSAMIM III.

No capítulo 2, apresentarei os tópicos: Arqueologia urbana e suas teias de significados - História e Cultura - História e Cidade - Fundamentos legais de proteção ao patrimônio cultural brasileiro e um Breve histórico da arqueologia no

Amazonas e em Manaus: Do Projeto ArqueoUrbs³ ao Projeto de Arqueologia urbana no PROSAMIM III. Nesse capítulo, é apresentada uma discussão mais teórica na tentativa de explicar os artefatos como uma rede de sentidos, ao lado dos fundamentos jurídicos da proteção do patrimônio cultural brasileiro e, por fim, um panorama do cenário histórico da arqueologia na Amazônia e em Manaus.

O Capítulo 3 apresenta Critérios e métodos - Os sítios arqueológicos da área do igarapé do São Raimundo, sendo estes os objetos de pesquisa e os sítios arqueológicos investigados, além dos locais onde os artefatos foram coletados, finalizando com explanação do método utilizado nessa análise.

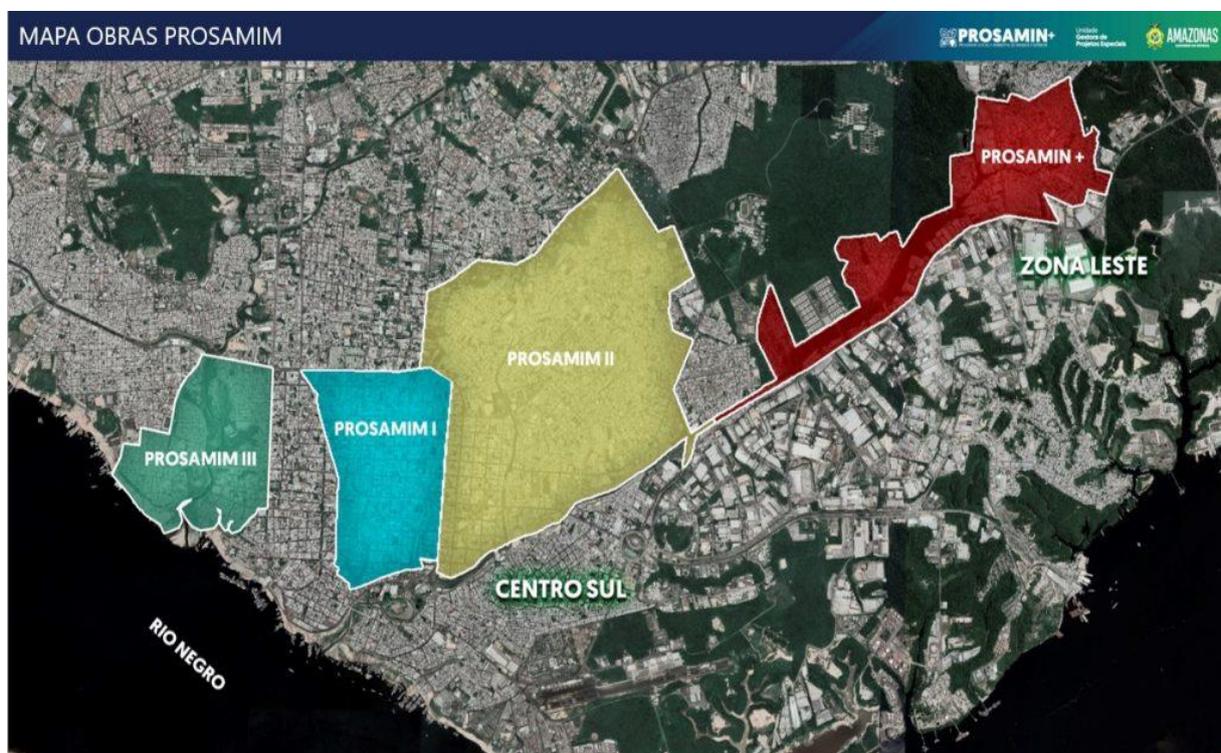


Figura 1 Áreas de localização do PROSAMIM na Cidade de Manaus. Fonte UGPE

Capítulo 1.

Paisagem Cultural e o PROSAMIM. O PROSAMIM. Os bairros afetados pelo projeto de arqueologia urbana no PROSAMIM III

³ O Projeto ARQUEOURBS – Arqueologia Urbana no Centro Histórico de Manaus, realizado em 2002, tinha como objetivo encontrar os vestígios da Fortaleza de São José do Rio Negro, além de outras construções históricas e ocupações pré-coloniais (ZANETTINI 2002).

1.1 Paisagem Cultural no PROSAMIM

Para uma melhor compreensão do projeto de arqueologia urbana realizado às margens do igarapé de São Raimundo, é necessário um breve histórico da criação desse programa e dos bairros onde essas áreas estão localizadas.

Os bairros históricos aqui apresentados são: bairro de Aparecida, de São Raimundo e da Glória. Não incluo aqui o bairro da Matinha por este ser efetivamente escavado e acompanhado pela arqueologia na segunda etapa do projeto em 2018. Vale frisar que os artefatos e relatórios utilizados nesta pesquisa são apenas relativos à primeira fase do projeto de arqueologia urbana no PROSAMIM III, que inicia no final de 2012 e se estende até 2014.

Os primeiros desenvolvimentos desses bairros datam da segunda metade do século XIX até inícios do século XX, e a história de sua ocupação conta a história da própria cidade de Manaus. Os três distritos mencionados aqui nos revelam um patrimônio cultural que precisa ser estudado e preservado, constituindo um importante conjunto de patrimônio histórico edificado, como casas, estruturas prediais em ruínas, elevadas a partir do período comumente chamado de *Belle Époque* amazonense. Portanto, as transformações estilísticas e paisagísticas do processo de expansão da cidade vão do início das ocupações dos loteamentos, com construções de casas de madeira e taipa, passando pelos edifícios com os padrões arquitetônicos rígidos constantes dos códigos de postura do município, chegando até as remanescentes palafitas, que ocuparam as margens e também os próprios igarapés no início dos anos de 1950-1960, em que foi implementada a Zona Franca de Manaus (OLIVEIRA 2008) e a desarticulação da cidade flutuante (SOUZA 2010), finalizando nos apartamentos edificados pelo PROSAMIM III.

Um dos muitos exemplos atuais de modificação e reaproveitamento de um terreno e de parte de uma estrutura predial é o prédio da FUNASA (Fundação Nacional de Saúde), localizado na Rua Oswaldo Cruz, S/N, no bairro da Glória, no alto do antigo matadouro da cidade. Além disso, foram identificadas nas imediações ruínas de antigas casas de salgas, tanques de sal e outras construções, o que revelou um complexo de atividades econômicas, podendo dizer-se que, nesta proximidade se localizava uma zona industrial, com fábricas de cerveja, gelo, casas de salga, curtumes, cerâmicas, madeireiras e fábricas de juta.

Entre os patrimônios culturais ainda utilizados, destaca-se também a

residência histórica de 1908, localizada no bairro de São Raimundo, às margens do igarapé de mesmo nome. Essa casa encontra-se razoavelmente bem conservada, nas suas paredes e chão ainda é possível encontrar, entre outras coisas, pinturas que revelam a época da sua construção. Muito perto, logo atrás da construção citada, foi identificado um sítio arqueológico, onde foram recolhidos artefatos, fragmentos de período pré-colonial e histórico (fragmentos de cerâmica indígena, fragmentos de faiança, porcelana europeia, etc.). Esse setor era o mais bem preservado, com camadas estratigráficas bem definidas e apresentando desde uma lente de terra preta com cerâmica indígena até camadas mais recentes com fragmentos de objetos históricos. Outros vestígios encontrados em pontos diferentes da área pesquisada foram manilhas (tubos de argila) de vários tamanhos, moedas e objetos domésticos em geral.

Com tudo isso, fez-se necessário também formar uma percepção sobre a paisagem cultural, definida tanto em convenção nacional (decreto-Lei n.º 25, de 30 de novembro de 1937) como internacional (UNESCO 1972), a saber, aquilo que apresenta, em seu valor natural e cultural, a perspectiva da maneira como as pessoas interpretam e se relacionam com o espaço geográfico, considerando seus aspectos naturais, culturais, históricos e simbólicos (v. SCIFONI 2024). A paisagem pode ser definida de diferentes maneiras, conforme diferentes abordagens e critérios. Algumas convenções internacionais e nacionais estabeleceram definições de paisagem para fins de proteção, valorização e gestão do patrimônio cultural e natural.

A Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural, adotada pela UNESCO, em 1972, definiu a paisagem cultural como obras conjuntas do Homem e da natureza, expressando uma longa e íntima relação entre os povos e seu ambiente natural (UNESCO 1972).

Essa convenção reconheceu a existência de três tipos de paisagens culturais: as paisagens claramente definidas, que são áreas com obras e elementos representativos de uma cultura ou civilização; as paisagens evolutivas, que são aquelas que refletem processos históricos de adaptação e transformação do meio ambiente; e as paisagens associativas, que são áreas com significados espirituais, religiosos ou artísticos para determinados grupos ou comunidades. Portanto, a percepção sobre a paisagem envolve uma dimensão subjetiva e uma dimensão objetiva, as quais podem ser influenciadas por diferentes fatores, como a cultura, a memória, a identidade, a estética, a

política, a ciência, entre outros.

A definição de paisagem, por sua vez, depende do contexto e do propósito de cada abordagem, podendo variar de acordo com diferentes convenções e normas. Portanto, entende-se que as áreas marginais do igarapé do São Raimundo, ou seja, a área focal da pesquisa, como uma paisagem evolutiva, que vem sendo modificada através dos tempos. Entretanto, as transformações na paisagem ocorridas durante fim do século XIX e início do século XX, nessa região, relacionam-se diretamente com a expansão e a construção de Manaus, em período de intensa movimentação dos portos, com o comércio intensificado do látex e com a chegada de migrantes do interior do estado, de nordestinos e até de outros países. Consequentemente, o intenso trânsito de pessoas não podia deixar de provocar a movimentação de objetos, objetos estes que foram inseridos na teia das relações de comércio, nas relações simbólicas e na transformação da paisagem urbana à medida em que a cidade cresceu, em que novas construções foram tomando os espaços. O que outrora era só natureza se transformou em espaço urbano edificado, sendo tudo isso de grande importância no estudo aqui proposto, pois, segundo Rafael Ribeiro, a paisagem cultural deve ser considerada como um bem em si, não sendo apenas o entorno do elemento com valor exaltado (RIBEIRO 2007:111). Portanto, de imagem estática de um território, a paisagem torna-se, nas palavras de Carmem Calderon, em “termômetro indicativo do estado de saúde das relações da sociedade com o meio ambiente” (CALDERON 2009:8).

Dito isto, entende-se que a paisagem sofre metamorfoses, transformando-se ou sendo transformada através dos tempos, tanto de forma natural como antrópica. Portanto, não podemos negligenciar a modificação da paisagem ocorrida nas margens do Igarapé do São Raimundo. Isso nos conduz a um quadro passível de ser definido como um termo usado para descrever a interação entre pessoas e um ambiente natural, resultando na criação de um ambiente único e específico, que reflete a relação entre a cultura e a natureza.

A paisagem cultural, assim, é formada pela ação humana e inclui elementos como edifícios, monumentos, tradições, crenças, línguas, artes, rituais entre outros, que se desenvolvem em um determinado lugar, sendo caracterizada pela diversidade da expressão humana, constituindo a representação de como as

pessoas se relacionam com o meio ambiente e entre si, surgindo assim um patrimônio cultural e histórico único e insubstituível (SILVA 2013).

É dentro dessa perspectiva que o patrimônio cultural, arqueológico e histórico coletado no Igarapé do São Raimundo junto às obras do PROSAMIM III foram estudados. Além de todos os aspectos ambientais e sociais trabalhados, esta pesquisa imprimiu uma abordagem pelo viés da arqueologia urbana, executada em sua área focal, nos locais onde foram realizadas as intervenções em superfície e subsuperfície, possibilitando o resgate de centenas de artefatos arqueológicos depositados em 6 sítios identificados *in loco*. Ainda que a ocupação da região por onde passa o igarapé do São Raimundo remonte ao período pré-colonial, a modificação da paisagem em termos modernos que se conseguiu identificar ocorre a partir do final do século XIX, quando ainda se chamava igarapé da Cachoeira Grande. Portanto, construções como represas, pontes e moradias foram erguidas ali em suas margens, sendo o Igarapé do São Raimundo um dos principais cursos d'água da cidade de Manaus, passando a ser explorado pela atividade econômica do período da borracha no século XIX. Nesse período, diversas casas de comércio, armazéns, curtumes, casa de salga, madeireiras, olarias, fábricas de juta, foram construídas ao longo das margens do igarapé, o que tornou o igarapé do São Raimundo um importante corredor comercial.

Além disso, lotes de terra foram disponibilizados para migrantes e imigrantes que chegavam à cidade, ocupando assentamentos que eram vendidos ou disponibilizados pela paróquia do São Raimundo. Com tudo isso acontecendo, a Manaus do final do século XIX e início do século XX vivenciou um universo de ideias e práticas sustentadas por uma representação simbólica sugerida pela imagem de uma cidade contemporânea e civilizada, articuladas por discursos e experiências trazidas do início do século XIX, experimentando assim um conjunto de ideias e práticas sustentadas por uma representação simbólica, e ligadas a discursos e experiências trazidos de cidades europeias, particularmente Paris

Além disso, lotes de terra foram oferecidos a migrantes e imigrantes que chegavam à cidade, ocupando assentamentos vendidos ou disponibilizados pela paróquia de São Raimundo. Com essas mudanças, a Manaus da virada do

século XIX para o XX vivenciou um conjunto de ideias e práticas, sustentadas por uma representação simbólica de uma cidade contemporânea e civilizada idealizada. Tais conceitos eram, por sua vez, articulados por discursos e experiências muito próprias daquele século XIX, sob influência de grandes centros europeus, especialmente Paris (GROBE 2014:43).

Toda essa transformação urbanística acarretou inúmeras formas de relações sociais e de circulação de mercadorias e expansão do espaço construído, regida por uma ótica, a um tempo, higienista, estética e disciplinadora, fazendo uso do código de posturas municipal. Logo, todas essas modificações ocorridas teriam feito com que os igarapés de Manaus, como enfatizou Cristiana Grobe, irrompessem

como elemento da cultura de um povo, geradores de experiências e vivências, pontuando, nas permanências e nas rupturas, as práticas sociais e as formas de construção da vida no cotidiano urbano da época... (GROBE 2014:45).

A construção de Manaus está alicerçada, portanto, sobre a ocupação de seus igarapés e rios, em uma união que, nos últimos 150 anos, trouxe uma real desvantagem para a natureza.

1.2 O PROSAMIM

Como mencionado, a transformação da paisagem ocorrida na área focal do PROSAMIM III vem ocorrendo ao longo dos anos, e no período em que vivemos, experimenta-se toda a poluição depositada em ambientes naturais, bem como contaminações de toda sorte, que desembocam nos rios da urbe. Procurando conter esse processo, sucessivos governos passaram a criar medidas contra essas tendências. Para tanto, a partir da lei n.º 12.305, de 2 de agosto de 2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos, definiu-se como um de seus instrumentos a elaboração dos “Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos” por parte das empresas de construção civil. Sendo que foi com esse espírito que surgiu o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM), que teve seu pontapé inicial em 2003, quando começou um trabalho de formatação da gestão compartilhada com comunidades que seriam atendidas posteriormente.

Nos anos seguintes, o governo do Estado, na gestão do governador Eduardo Braga, em coordenação com o Governo Municipal, sob a administração de Serafim Corrêa, firmou, em 14 de abril de 2005 (Lei-Delegada n.º 021), uma ampla gama de ações e intervenções para resolver os problemas sociais e ambientais dos igarapés de Manaus. Também assinaram o Decreto N.º 24.841, de 04 de março de 2005, que disciplinava os procedimentos para liberação das áreas de execução do Programa Social e Ambiental PROSAMIM e dava outras providências. O objetivo do Programa foi o de contribuir para as soluções das problemáticas ambiental, social e urbanística que afetavam (e afetam) a população, focando as condições de saúde nas áreas de intervenção, através da reabilitação e/ou da implantação de sistemas de drenagem, abastecimento de água potável, coleta e disposição final de águas servidas e de resíduos sólidos, recuperação das áreas ambientais, melhoria das condições de habitação da população, regularização das propriedades de uso do solo e implantação de áreas de lazer, priorizando as áreas de igarapés da cidade.

Em 29 de julho de 2005, por meio da Lei-Delegada n.º 572, foi criada a Unidade de Gerenciamento do PROSAMIM – UGPI, responsável pelas estratégias de intervenção nas áreas de afetação do Programa. A Unidade Gestora de Projetos Especiais (UGPE) surgiu como um programa global de obras múltiplas, compreendidas em dois componentes. O primeiro componente incluía a execução de obras de melhoria ambiental, urbanística e habitacional e o segundo era responsável pelas atividades voltadas para o desenvolvimento comunitário e fortalecimento institucional das entidades públicas que participaram do Programa, de modo a assegurar a sustentabilidade social e institucional (UGPE 2023). No entanto, somente em 2006, o PROSAMIM I deu início à sua primeira intervenção, ocorrendo na Bacia dos Educandos, localizada na Zona Sul de Manaus, nas margens de igarapés. Continuou, em 2009, na Bacia dos Educandos, no igarapé do Quarenta, em áreas parciais (sub-bacias) dos igarapés Manaus, como o igarapé Bittencourt e o Mestre Chico (UGPE 2023).

Na segunda fase do programa, o PROSAMIM II deu continuidade de obras na Bacia dos Educandos, Quarenta e São Raimundo (trecho entre a Rua Maués e a Av. Dr. Rodrigo Otávio, igarapé Cajual e Parque São Raimundo), área focal da pesquisa, tendo como objetivo geral do Programa a melhoria da qualidade de

vida dos habitantes das Bacias dos Igarapés Educandos - Quarenta (BIEQ 2023) e São Raimundo (BSR) (UGPE 2023).

O PROSAMIM III foi a etapa em que, como já dissemos, ocorreram as bases para esta pesquisa, tendo se iniciado apenas em 2012, integrando as ações do Governo do Estado do Amazonas consolidadas nas duas primeiras fases do programa. Teve como objetivo geral, desta vez, estender as ações socioambientais desenvolvidas a fim de contribuir com a resolução dos problemas ambientais, urbanísticos e sociais que afetavam a população que residia em áreas abaixo da cota de 30m, na Bacia do Igarapé do São Raimundo (BISR 2003), a fim de proporcionar a esse público melhores condições de vida. Não custa reforçar que essa etapa III foi a única em que houve estudos arqueológicos ainda que todas as bacias citadas (I e II), estivessem igualmente compreendidas em áreas de ocupação histórica, que remontam a formação da cidade de Manaus, cujas margens dos igarapés observaram constante movimento humano desde o período pré-colonial.

O programa PROSAMIM III foi concluído em 2021, beneficiando diretamente mais de 600 mil moradores das zonas sul e oeste da cidade de Manaus. As iniciativas incluíram melhorias na mobilidade urbana, construção de parques residenciais, implementação de sistemas de drenagem e esgotamento sanitário, requalificação ambiental e urbanística das margens dos igarapés, recuperação de equipamentos públicos e criação de parques urbanos e praças. (UGPE 2023).

1.2 Os bairros afetados pelo projeto PROSAMIM III

As obras interventivas do projeto tiveram início no bairro de Aparecida, sendo essa a primeira área a ser estudada pela arqueologia, onde houve a identificação de 2 sítios arqueológicos. Em seguida, apresento o bairro de São Raimundo, onde ocorreram intervenções posteriores, identificando também outros 3 sítios arqueológicos. E por fim, o bairro da Glória, que está localizado ao lado do de São Raimundo, onde ocorreram intervenções em um terceiro momento, apresentando 1 sítio arqueológico.

Esses bairros históricos possuem pelo menos 100 anos de surgimento e seus processos de ocupação legaram um patrimônio cultural e material relevante para a reconstituição de partes da história de Manaus, uma vez que seu conjunto de patrimônio edificado compreende habitações, estruturas de edificações, e ruínas características da época e, portanto testemunhas de modos construtivos, de disponibilidade de certos materiais, pressupondo determinados insumos, etc. Nesse período de virada de século, Manaus passava por transformações urbanísticas, estilísticas e paisagísticas em um processo de clara expansão do seu perímetro urbano. As contradições próprias do crescimento desordenado e não planejado deu origem às moradias irregulares, do ponto de vista da administração pública, o que se constituiu na paisagem de palafitas ocupando as margens e também os próprios igarapés. Esse processo, como já realçamos acima, foi ainda intensificado, bem mais tarde, com implementação da Zona Franca de Manaus (OLIVEIRA 2008) e da desarticulação da cidade flutuante (SOUZA 2010).

A exemplo do Igarapé do São Raimundo, na margem que pertence ao bairro de mesmo nome, ainda é possível ver partes do antigo matadouro municipal que deu lugar ao prédio da FUNASA (Fundação Nacional de Saúde). Nas imediações, foram identificadas ruínas de casarões de salga, curtumes, etc., revelando assim um complexo de atividades econômicas, podendo se dizer um pequeno complexo industrial. Dentre os patrimônios culturais imóveis identificados, destaca-se o casarão histórico, de 1908, localizado no bairro do São Raimundo, às margens do igarapé. Trata-se de uma casa razoavelmente preservada, onde ainda é possível encontrar quadros pintados em sua parede, assoalho de tabiques, etc., que revelam o período de sua edificação. Bem próximo, logo atrás deste casarão, foi identificado um sítio arqueológico que

possibilitou a coleta de artefatos como fragmentos do período pré-colonial e histórico (fragmentos cerâmicos indígenas, fragmentos de faiança, porcelana europeia, etc.).

Esse setor foi o mais bem preservado, com camada estratigráfica bem definida e apresentando profundidade de uma lente de terra preta com cerâmica indígena e camadas com fragmentos de objetos históricos. Essa preservação se deu pelo fato de a área ser local de depósito de lixo ("o lixo no quintal"), que se misturou com o solo ainda preservado pré-colonial. Além de outros vestígios, foram encontrados na área pesquisada: manilhas (tubos de argila) de vários tamanhos, moedas e tralha doméstica em geral.

Em outro sítio arqueológico próximo, estão as bases de estrutura da primeira ponte, pensada para ligar os bairros da Aparecida ao bairro de São Raimundo, pode-se dizer que essa estrutura construída em arenito Manaus e pedras blocos apresenta em sua configuração característica arquitetônica do final do século XIX e início do século XX.

Essa estrutura, artefato monumento, está envolta em mistérios sobre sua construção. A versão popular relata que houve uma revolta dos catraieiros que impediu o término de sua construção. O que se sabe de fato é que a primeira referência a esta ponte surgiu em 1902, com a solicitação de verba para sua construção.

Contudo, essa ligação entre Centro e bairro só seria concluída nos anos de 1980, com a construção da ponte Fábio Lucena, já em estruturas mais modernas, executadas pela uma grande empreiteira nacional. Interessante frisar que, antes da construção dessa ponte, uma das maneiras para atravessar o igarapé era através das catraias, prática que desapareceu.

No entanto, mesmo após a construção da ponte e do fim dessa atividade, ainda havia aqueles que preferiam atravessar o igarapé na canoa do único catraieiro que mantinha sua atividade até o período de execução das obras do PROSAMIM III.

1.2.1 Bairro de Nossa Senhora de Aparecida

O bairro de Aparecida já foi conhecido como bairro das Cajazeiras, Cornetas e Tôcos, sendo que o primeiro nome lembrava as árvores do local, o segundo, o som das cornetas do contingente do exército, localizado no bairro de

São Vicente, e o terceiro, os tocos das árvores cortadas. Com a chegada dos padres Redentoristas norte-americanos, em 1943, passou a ser conhecido pelo nome atual.

Contrastando com o passado, hoje, no bairro Aparecida, há poucas fábricas que ainda permanecem na ativa, já não existem mais as conhecidas serrarias. Já o comércio varejista, de mercadorias e miudezas em geral, atua com grande intensidade, sobrevivendo ao advento da industrialização e expansão do comércio por toda Manaus.

Grande parte da cultura material dos sítios arqueológicos vem desta parte da área focal, pois nesta área, não custa lembrar, foram identificados 2 sítios arqueológicos: o sítio arqueológico Belchior e o Coronel Salgado com escavações que chegaram a 2 m de profundidade e escavações em tanques de salga dos curtumes, além de olarias, madeireiras e fábricas de juta.

1.2.2 Bairro de São Raimundo.

Há duas datas que indicam a origem da ocupação do bairro de São Raimundo. A primeira é de 1849 e a segunda é de 1894, dois anos após a diocese do Amazonas ter sido criada, desmembrando-se da diocese de Belém do Pará (NONATO 1986).

O perímetro em que se estende o bairro de São Raimundo ocupa uma superfície de 115,32 hectares. Tendo como início o igarapé homônimo no encontro com o Rio Negro, a partir da margem esquerda até o ponto final da rua São José e até a avenida Presidente Dutra, passando pela Cinco de Setembro.

Ainda no final do século XIX, quando o governo do estado doou ao Seminário São José o terreno incorporado ao patrimônio da instituição religiosa, o bispo Dom Lourenço da Costa Aguiar loteou uma parte das terras para pessoas de baixa renda construírem as primeiras casas nos terrenos, com os foros⁴ da igreja, cuja administração e cobrança, em nome da diocese, estava a cargo de Belmiro Bernardo da Costa.

Naquela época já existia a família de João Caboclo, o pescador Manuel Salgado, o embarcadiço José Olímpio e o ajudante Lucas. Distante de suas casas, eles construíram um depósito de lenha para abastecer os navios que atracavam no porto próximo à rua da Boa Vista. Essas famílias também

⁴ Foros: dinheiro ou verba da igreja.

praticavam a caça e a pesca para o próprio sustento e a venda nos mercados e feiras de Manaus.

Aos poucos, foi crescendo o número de casas e habitantes, e o arraial iluminado pelos lampiões de gás. Logo então, o século XX trouxe ao bairro o processo de urbanização, com abertura de novas ruas e mais casas construídas por moradores adventícios, em sua maioria, do interior, mas, também, de outros estados brasileiros. Em resumo, a construção nos terrenos tinha o aval da diocese e, embora afastado do centro da cidade, serviam para pessoas desfavorecidas economicamente.

Em 1987, o bairro foi finalmente ligado ao da Aparecida pela ponte Senador Fábio Lucena, construída, pelo então Governador do Estado, Gilberto Mestrinho, fazendo diminuir a distância para quem vinha da Zona Oeste até o Centro da cidade. Com a construção da ponte, decaiu aquele meio de transporte tradicional do bairro, até então utilizado para realizar a travessia, a catraia, cujo serviço foi afetado por falta de passageiros, que passaram a cruzar a pé por sobre o igarapé do São Raimundo.

Durante o governo de José Melo, foi inaugurada, em 2014, a terceira etapa do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM), o Programa de revitalização dos igarapés de Manaus, que havia iniciado em 2012 na bacia do São Raimundo. Esse programa desapropriou milhares de imóveis localizados próximos às áreas de influência direta do programa, e foi nesse contexto que 3 sítios arqueológicos foram identificados nessa área focal. Os sítios arqueológicos “Ponte Velha”, “Quadra bairro 06” e “Vila de São Francisco”, de onde foram coletadas dezenas de artefatos datados desde o período pré-colonial.

1.2.3 Bairro da Glória

A partir de 1912, começa a surgir aquele que, atualmente, é o bairro da Glória. Ali veio se instalar, em 1912, o matadouro municipal, que atraiu para o entorno, novos moradores em razão da oferta de empregos. Em função dessa atividade, outros serviços foram surgindo e provocando um significativo aumento da população naquele local. O lugar começou a ser conhecido como bairro do Matadouro. Só bem mais tarde é que se tornou bairro da Glória.

Áureo Nonato, em "Os Bucheiros", conta que, por volta de 1930, os

moradores utilizavam as várzeas do igarapé do São Raimundo, durante a época da vazante do rio, para plantar melancia, maxixe e mandioca e também cavavam cacimbas, de onde se abasteciam de água.

No ano de 1953, o bairro volta a crescer com a chegada de interioranos fugidos da grande enchente, quando os padres que serviam na paróquia de São Raimundo iniciaram a assistência aos desabrigados. A seguir, no final da década de 1960, muitos dos moradores da cidade flutuante viriam a se instalar no bairro, não apenas em áreas de terra firme, mas também ocupando a várzea do igarapé de São Raimundo, dentro de palafitas.

Este bairro, que faz fronteira com os bairros do São Raimundo, Santo Antônio, sofreu, nas décadas de 1980 e 1990, em consequência da Zona Franca de Manaus, algumas transformações urbanas. Em 2014, recebe as intervenções do PROSAMIM III, tendo nele sido identificado um sítio arqueológico em sua área focal, o sítio “Curtume carioca”, de onde também foram coletados artefatos arqueológicos.

Importante frisar que as intervenções arqueológicas nos bairros citados não ocorreram em toda a sua extensão e sim apenas nas áreas que margeiam o igarapé do São Raimundo, delimitado pela Área Diretamente Afetada (ADA) do PROSAMIM III. No entanto, houve também caminhamentos⁵ e prospecção de superfícies, que se seguiram por ruas, becos e outras áreas fora deste perímetro, na Área Indiretamente Afetada (AID) do empreendimento.

Capítulo 02.

Arqueologia urbana e suas teias de significados - História e Cultura - História e Cidade - Breve histórico sobre a cidade de Manaus - Breve histórico da arqueologia no Amazonas e em Manaus: do Projeto ArqueoUrbs ao Projeto de Arqueologia urbana no PROSAMIM III

2.1- Arqueologia urbana e suas teias de significados

Esta pesquisa é fundamentada pela ótica das lentes da história sociocultural e da arqueologia urbana, em uma relação de vizinhança próxima (BURKE 2004; CHARTIER 1990), utilizando-se também do conceito de cultura dentro da dimensão da antropologia semiótica e interpretativa apresentada por

⁵ O caminhamento faz parte da ação de reconhecimento de um sítio arqueológico, a partir de um caminhamento sistemático que tem por finalidade ver se há material arqueológico na superfície.

Clifford Geertz (2008), influenciado pelo pensamento Max Weber, que entende que o Homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu:

Assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise: portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ 2008:4).

Dito isso, esta pesquisa não pretendeu encontrar leis fixas, pré-estabelecidas, para análise sociocultural a partir da cultura material, e sim analisar os artefatos para entender os significados socioculturais do uso da cultura material.

Portanto, fazer leituras da sociedade através da cultura material é entendê-la em sua dimensão simbólica a partir da materialidade que envolve suas práticas culturais, além de suas relações sociais.

Proponho aqui que os artefatos são parte integrante dessa teia de significados. Em assim sendo, podem ser relacionados com um todo a partir do mais específico e *vice-versa*, tendo em vista o agenciamento dos sujeitos históricos.

Todos os sítios arqueológicos encontrados no Igarapé do São Raimundo são de períodos históricos, com exceção do sítio “Vila de São Francisco”, que apresentou a ocorrência de artefatos pré-coloniais (cerâmica e lítico) e históricos⁶ (louças, moedas, etc.).

Com isso, percebe-se que essas áreas já sofreram grandes interferências antrópicas, que modificaram completamente a paisagem em um período de aproximadamente 100 anos, sendo que nesse processo de ocupação e transformação produziu-se uma grande quantidade de vestígio material de cada período.

Ainda que tenha sido intenso esse processo, os períodos históricos não conseguiram soterrar os vestígios de ocupação humana anterior, que foi o período pré-colonial (indígena), que por si só já daria um bom trabalho, sendo

⁶ Em arqueologia, “pré-colonial” designa o período anterior ao aparecimento de registros de material não ameríndio, isto é, antes do contato ocorrido em 1500 no caso brasileiro. O termo pré-colonial tem sido mais aceito pelos arqueólogos do que o de pré-história (BARRETO 1999-2000:33). O período de interesse histórico-arqueológico na Amazônia começa com o aparecimento do registro material não ameríndio (de 1500 para frente) no território e segue até os dias de hoje (COSTA 2017:155).

que o estudo arqueológico de sítios arqueológicos na Amazônia já o fazem. Além disso, utiliza-se também de relatos de fontes textuais em um sentido geral, levando em conta os primeiros cronistas, naturalistas que por aqui passaram, e de etno-historiadores, antropólogos e mesmo arqueólogos.

Portanto, a arqueologia aqui desenvolvida foi a arqueologia urbana, que segundo Edward Staski, “é definida pelo estudo das relações entre cultura material, comportamento Humano e cognição percepção, em ambiente urbano.” (STASKI 1982:97) (tradução própria)

Esta subárea da arqueologia estuda as sociedades a partir de qualquer tempo ou momento, em razão dos vários debates dentro da arqueologia histórica sobre a arqueologia na cidade *versus* arqueologia da cidade (FOLEY *et al.* 1967 *apud* STASKI 1982).

Staski (1982) afirma que a arqueologia *na* cidade consiste em qualquer forma de pesquisa em ambiente urbano, enquanto a arqueologia *da* cidade consiste no uso de métodos arqueológicos para análise e compreensão do desenvolvimento urbano específico.

Muito embora haja essa dualidade, nesta pesquisa há uma simbiose, uma ambiguidade, pois foi feita tanto uma arqueologia na cidade quanto da cidade.

Diogo Costa apresenta essa arqueologia feita em locais urbanos. Segundo ele,

a cidade como sítio arqueológico pode ser entendida também por seus tipos de vestígios, onde lixeiras coletivas, presentes nos aterros de praças ou vias públicas, contêm artefatos que informam, através do seu anonimato, as tendências gerais sobre cada época. (COSTA 2014:63).

De fato, esse anonimato é muito identificado no contexto urbano onde a estrutura de um edifício pode ser encontrada e identificada, ainda que haja sedimentos, e ligá-la a um grupo doméstico específico. Pode não ocorrer diretamente, mas a cultura local pode ser que sim, ainda que seja importada.

Continua Costa:

Portanto, a arqueologia urbana pode ser entendida mais do que somente o estudo da cultura material na e das cidades. Mesmo que a arqueologia da cidade seja realizada somente no espaço urbano e tenha por premissa entender esta paisagem única de

pesquisa. Ou que a arqueologia da cidade seja uma investigação do tempo urbano e tenha como principal objeto de estudo a formação e desenvolvimento geral da cidade. O estudo arqueológico sincrônico e diacrônico do urbano deve também procurar entender o urbanismo enquanto fenômeno e, como qualquer arqueologia, fazer uma "hilegrafia" com cada objeto pesquisado, tentando inserir este conhecimento construído nas necessidades e perspectivas contemporâneas e futuras, das cidades em que vivemos (COSTA 2014:63).

Já Pedro Paulo Funari, em sua abordagem sobre arqueologia urbana, nos remete ao seu uso em duas frentes – "bifronte" –, estudando as cidades antigas e atuais:

Embora bifronte, as principais discussões contemporâneas sobre a disciplina voltam-se para a pesquisa em ambientes urbanos atuais e isso não é de se estranhar. As cidades estão, cada vez mais, às voltas com a descoberta de vestígios do passado e com as questões referentes ao patrimônio em um contexto de grande diversidade étnica, social, cultural e religiosa em ambiente urbano. Isto tem criado situações de particular desafio para todos que se dedicam à gestão urbana, em particular no que se refere ao patrimônio histórico e cultural. (FUNARI 2014:6).

E é nessa diversidade étnica e sociocultural que está o desafio de inferir e interpretar a área de estudo em questão em seu espaço-tempo. Contudo, é ainda nessa perspectiva que, na atualidade, já se tem consciência de que o estudo da cultura material ganhou proporções numa dimensão fora da arqueologia e estabeleceu-se com o *status* de transdisciplinar (LIMA 2011:12).

Um autor que proporciona um entendimento maior sobre arqueologia através da perspectiva histórica é Bruce Trigger. Segundo ele, "*o conhecimento histórico é indispensável para explicar o atual estado das sociedades em todo o mundo*" (TRIGGER 2004:329). Ele é enfático em sua postura:

Como apenas a arqueologia e a história documental produzem a evidência necessária para descrever o desenvolvimento cultural no passado, elas são essenciais para o fundamento histórico

dos dados que as outras ciências sociais analisam. (TRIGGER 2004:329).

É importante ressaltar que, embora esta pesquisa se utilize de mecanismos da arqueologia em suas análises da cultura material, ela é de fato uma pesquisa de produção historiográfica com perspectivas do ponto de vista da história, tanto social quanto cultural.

Levando em conta a área focal aqui estudada, identifica-se sua grande relevância para a restauração da memória social e coletiva e a preservação do patrimônio cultural da cidade de Manaus. Possibilitando assim um reencontro com o passado, ressignificando um espaço de experiência, memória e resistência.

Em busca da luz a partir dos diálogos com as fontes, sobretudo a cultura material arqueológica, auxiliado por outras fontes, tais como o censo, o Código de Postura, as fotografias, a história oral, além da bibliografia pertinente a esse tema, espera-se que se torne claro este obscuro fenômeno urbano e social manauara, a saber, o processo de ocupação das margens desse igarapé cheio de histórias e fragmentos.

Neste capítulo, buscou-se relacionar todos os dados (artefatos, fontes escritas, iconografia, etc.), tentando entender as origens e significados dos artefatos coletados em 3 sítios arqueológicos, o “Vila de São Francisco”, “Ponte Velha” e “Curtume Carioca”, envolvendo suas relações funcionais, simbólicas e sociais.

Nos eventos e fatos históricos ocorridos nesse cenário, houve também quem produzisse literatura, pelo menos a partir de suas memórias, expondo uma memória coletiva que ainda persiste.

A literatura local produzida por nomes como Thiago de Mello, Áureo Nonato e, mais recentemente, Milton Hatoum e Elza Souza, constituem, de certa forma, memórias, e cabe aqui diferenciar “literatura oral”, como sendo um conjunto de textos em prosa e verso transmitidos através da oralidade apresentados de maneira distinta da fala cotidiana (ALMEIDA e QUEIROZ 2004).

Essa literatura de narrativa-ficcional, que é geralmente escrita e criada por um autor seguindo uma estrutura específica, pode fazer uso de fatos e ambientes reais para compor o texto. Nesse sentido, dialogamos com as práticas socioculturais cotidianas. Para não pensar o processo histórico como se fosse um feixe da mentalidade, procuro encontrar os valores, pois estes não estão

separados das práticas, sendo importante perceber o diálogo do tempo com a memória.

De fato, é possível pensar na memória como um campo da relação social, sendo ela uma experiência, um receptáculo de conteúdo. O conceito de memória que utilizo é o de Jacques Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF 1990:419)

Essa acepção do conceito é utilizada em grande escala em estudos que analisam a psique e as relações comportamentais, mas também é de enorme utilidade nos estudos socioculturais, como na história e na antropologia.

Com tudo isso, entende-se que a sociedade não é uma somatória de "eus" e sim uma coletividade. Importa problematizar uma memória de espaços sociais, tanto rural como urbano, verificando as divisões que esses espaços impõem, perceber a construção da imagem que está ou foi mostrada e cristalizada, identificando a produção de exclusão a partir de uma disputa pela memória. Portanto, procuro reposicionar o lugar do político, como forma de resistência, pois este está enraizado na constituição do social.

De fato, minha inquietação com relação a esse projeto não segue uma perspectiva técnica somente, mas assumo uma postura para reconstituir esse espaço social. Entendo que a história e o social não se separam e que a história faz a análise do processo e não meramente levantamento de informações; ela é mais profunda, mais densa em sua observação.

Portanto, como já foi citado, a virada do século XIX para o século XX trouxe várias transformações não só para o ambiente, mas também para quem ali trabalhava e, dessa forma, retorno à figura do catraieiro que é muito representativa para este local e teve seu desaparecimento provocado pelo progresso advindo com a construção de pontes.

Explano aqui também sobre os aspectos anfíbios da população manauara, sobre olhares de alguns autores, como do professor José Aldemir Ramos de Oliveira, segundo o qual

Se até o final do século XIX foram os igarapés que condicionaram a direção

do crescimento da cidade, no início do século XX, os fatores naturais delimitadores da cidade foram sendo superados por aterramentos e pela construção de pontes. (OLIVEIRA 2008:34)

Portanto, é nesse cenário que situo a figura do catraieiro e outros personagens, às margens do igarapé do São Raimundo, como nos traz Milton Hatoum:

O Porto já estava animado aquela hora da manhã vendia-se tudo na beira do igarapé do São Raimundo: frutas, peixes, maxixe, quiabo, brinquedos de latão [...]

[...] mas a visão de dezenas de catraias alinhadas impressionava mais. No meio dessa travessia já se sentia o cheiro de miúdos e vísceras de boi. Cheiro de entranhas e os catraieiros remavam lentamente, as canoas emparelhadas pareciam um réptil imenso que se aproximava da margem. Quando atracavam, os bucheiros descarregavam caixas e tabuleiros cheios de vísceras... (HATOUM 2015:74, 80-81)

A descrição de Hatoum nos fornece uma movimentação muito dinâmica e rica dessa margem, desse palco, das relações de comércio que se configuravam no igarapé, uma dinâmica em que cada personagem desempenha seu papel, naquilo que Erving Goffman (2006) apresenta em seu livro *A representação do Eu na vida Cotidiana*, sobre as várias formas de representações que existem nesse contato.

Esse ser anfíbio que se representava em seu movimento de atracar com outras dezenas de catraias que ali se alinhavam, no texto de Hatoum, é sem dúvida uma personagem de importância crucial nesse teatro do real.

Para esta pesquisa poder tratar também as dinâmicas socioculturais e as locações em que estas ocorreram, análoga a uma peça de teatro, uma encenação da realidade e uma representação tanto do "eu" quanto do "coletivo", parto não apenas da dramatização, mas de todo o conjunto de elementos que fazem parte da elaboração do espetáculo. Tem-se então um cenário que é o próprio igarapé do São Raimundo e suas margens, os atos são os períodos, as instituições e habitações fazem parte dessa cenografia, assim como os objetos

de cada cena é toda sua cultura material, cada um dos personagens descritos se veste de acordo com seus papéis, que desenvolveram em cada período. Por fim, a dramatização ou os papéis que desempenharam esses personagens estão relacionados com seus modos de vida a partir de suas experiências.

Cenário montado, vou em busca dos personagens reais que atuaram em cada cena cotidiana de anos, até décadas. Nesse cenário de águas, é a figura do catraieiro que desenvolvia um papel de extrema importância nessa locação, atravessando, de um lado para o outro, outros personagens envolvidos na cena local, funcionários das madeireiras e olarias, além dos que trabalhavam no matadouro municipal e em todo o complexo industrial de casas de salga e curtume que formavam o cenário naquele ato, no período que vai do final do século XIX a meados da primeira metade do século XX.

No decorrer da pesquisa, procurou-se, além de trazer novas informações sobre toda essa encenação, entender as práticas e relações entre os personagens e o público envolvido.

Outro aspecto observável nesse contexto é aquilo que Homi Bhabha (2001) chama de "entre-lugares", essa fronteira, esse local da performance.

Portanto, quem atravessa a Ponte Fábio Lucena, hoje, ainda pode ver o antigo e o novo se entrelaçando, numa disputa pelo espaço e pela memória.

Permanecendo o passado e o presente em conexão e sobrepostos, sendo o igarapé do São Raimundo como um divisor de dois lados, dois bairros, duas zonas geográficas, duas histórias.

Essa conexão entre as margens direita e esquerda já fora feita por muito tempo pelas embarcações diversas que ligavam os pontos, mas uma em particular está na memória coletiva: a catraia, que era a maneira mais eficaz de travessia antes da construção das pontes, pois, da primeira tentativa de construção de uma ponte nesse trecho, ficaram apenas as estruturas sufocadas de arquitetura histórica, estrutura construtiva de uma ponte inacabada, que, a meu ver, é um símbolo do fim de uma época. Fora isso, está envolta em mistério, uma vez que não existe certeza quanto ao início de sua construção, nem tampouco sobre quem a construiu e, principalmente, o porquê de seu abandono.

2.2 História e cultura

A relação entre história e cultura já está consolidada, pois, há muito, já fora

inserida na historiografia, incluindo suas relações múltiplas que, neste texto, tento articular, convocando historiadores de escolas ou, poderia assim dizer, de tradições diferentes.

Iniciando pelos historiadores de tradição marxista, que têm suas concepções de cultura como forma de experiência social, modos de vida e modos de luta (luta de classe), ainda que Marx não tenha trabalhado o conceito de cultura propriamente dito. Haja vista, a história vinda de baixo, na perspectiva do oprimido, subalterno ou, melhor dizendo, também da classe trabalhadora, e toda a discussão que se forma em cima dos conceitos e de como ampliá-los na pesquisa histórica.

Já os historiadores da segunda geração dos *Annales*, podendo assim dizer, como Chartier, trabalham a cultura como forma de representação social dentro da perspectiva da história das mentalidades e da nova história cultural.

Alguns autores, como Walter Benjamin, veem a cultura como uma experiência, pois é possível sentir uma certa linguagem de urgência em seus trabalhos, baseada na experiência presente e ameaçadora em que o autor se encontrava naquele período de cerco nazifascista, que é possível identificar em sua obra.

No entanto, é na explanação sobre o conceito de história que Benjamin de fato contribui para a historiografia. Em sua visão marxista, apresenta a vitória do materialismo histórico sobre o historicismo, em que as questões já estão dadas, mas, ao mesmo tempo, critica também o materialismo histórico que manipula a história como na metáfora quase religiosa, em que as peças são manipuladas pelo mestre do xadrez, que não sabemos exatamente quem é.

De outro modo, entende-se a experiência como algo inusitado e desconhecido, sem dados prévios, não se atando a regras feitas, pois é importante que o materialismo histórico possa olhar para o passado e consiga ler os sujeitos.

Portanto, nesse estudo do passado, faz-se necessário indagar de que modo esse passado que estou estudando reflete no presente, já que este presente se alimenta do passado. Essa visão não linear da história, não homogênea, leva o historiador a se perguntar: como articular passado e presente? Logo, torna-se necessário a produção de uma historiografia com aqueles despojados de seus processos históricos, memoriais e políticos, tornando cada momento significativo para as pessoas do tempo de lá, assim como para os do

tempo de agora, em uma relação de ambiguidade dos processos.

Isso me remete a perguntar sobre como se dá, dentro do processo de ocupação, a relação entre o passado e o presente no igarapé do São Raimundo? O que é possível verificar desse processo? A ocupação dessas margens ocorreu de que forma? Seria linear homogênea ou heterogênea não linear?

Estas questões me direcionam ao materialismo histórico, posto que meu objeto de pesquisa é a cultura material móvel e imóvel surgida nesse processo (ou processos) de ocupação. Portanto, ainda que haja essa indagação, inclino-me a entender a relação entre passado e presente sob uma perspectiva histórica não linear, pois é preciso que este passado seja ligado ao presente coerentemente.

Entretanto, que passado é esse? O que devo perguntar a ele? Entender o embate de disputas no presente conduz ao passado, uma perspectiva dialética que pode ser vista na relação com os bens culturais. O que são, quais são e qual é a minha relação com esse monumento? Para tanto, é importante frisar que o historiador precisa ter um olhar político sobre esse monumento, que, a partir de um presente, surge uma mobilização, não fazendo uma história factual, não tendo empatia com o vencedor, posto que a barbárie é de fato um processo de dominação, tornando-se de extrema importância também questionar o processo de produção, assim como a transmissão dessa produção pelo vencedor.

A pergunta, segundo Benjamin, está carregada de outras perguntas em uma série de situações para que se possa entender a história do momento, fazendo perguntas que o vencedor não fez ou não faz, escovando a história a contrapelo (BENJAMIN 1987:225).

Não pensar a história como um tempo homogêneo e compreender qual tradição eu busco no passado, além de encontrar elementos com referências desse passado que possam ser usados no agora, entendendo a luta do outro de forma não anacrônica faz do tempo presente não um tempo de transição, mas, sim, denso e de profundas transformações.

Nisto se entende que o passado é uma experiência única em seu momento e não como afirma o historicismo, que pensa o passado como uma imagem eterna, cuja "verdade jamais escapará", contrapondo que é uma imagem irre recuperável do passado que ameaça desaparecer com cada presente que não se sinta visado por ela (BENJAMIN 1987:243).

Por fim, podemos dizer que, quando o tempo é longo, o historiador tem que

ir a vários passados e fazer cortes na conjuntura desses tempos históricos, pois o lugar do presente é agora e o passado está repleto de tempos de agora.

Logo, articular historicamente o passado não significa conhecê-lo tal como ele de fato foi, significa sim apropriar-se de uma recordação como ela relampeja no momento do perigo, um momento de luz na obscuridade dos tempos (BENJAMIN 1987:224).

É nessa perspectiva que Edward P. Thompson (1981), historiador e ativista inglês, entende a cultura, como experiência e forma de vida e de luta. Para ele, a cultura está entrelaçada nos costumes e a noção de experiência é fundamental, pois dá ênfase ao sujeito e ao processo, mas, para além disso, o sujeito é determinado pela estrutura e *vice-versa*.

Neste direcionamento, tentou-se articular especificamente outros assuntos que possam ser pertinentes ao trabalho, utilizando dos métodos próprios da história, pensando a lógica histórica adequada aos processos que estão sempre em movimento e requerem perguntas adequadas que permitam a apreensão das contradições e ambiguidades do evento histórico, este que não é regido por leis fixas, a exemplo das leis da química e da física.

Em seu trabalho sobre a classe operária inglesa, Thompson (1981) revisitou a cena da Revolução Industrial e logo pensou a classe como sujeito do processo, pois no conhecimento histórico as perguntas podem ser feitas, mas as respostas podem estar condicionadas. Isto faz com que a história real chegue até nós de forma incompleta, mediante evidências ou registros de práticas humanas (ações e pensamentos), que podem ser provisórios, incompletos, seletivos, mas não inverídicos ou falsos.

Muito embora a pesquisa histórica possa ser definida e limitada pelas perguntas feitas às evidências e pelo campo conceitual que informa as perguntas, ela só é verídica dentro dessa perspectiva, pois, de fato, existem várias formas de fazer a pesquisa histórica, por isso as perguntas e conceitos só são verdadeiros dentro de cada linha teórica que o historiador esteja seguindo.

Ao buscar a veracidade histórica, procuram-se os seus sujeitos, relações e causas em dois níveis, o primeiro tenta entender os acontecimentos, seus sujeitos, suas relações e causas, este passado enquanto tal não se modifica. O segundo nível deve atribuir significado, suas interpretações devem ser argumentadas com base nas evidências, pois, com base nas evidências, interpreta-se.

Em cada presente existe uma gama de possibilidades, umas se realizarão e outras serão derrotadas, somando a isso os resultados, no presente, que problematizam os processos que os tornaram possíveis e os engendraram.

Seria o caminho pensar novas possibilidades futuras do presente/passado. Sendo estas realizadas no campo do conflito, isso me possibilita talvez pensar na derrocada do período áureo do látex, por que aconteceu dessa maneira e não de outra forma?

Para tanto, entendo que o passado não é um agregado de histórias separadas, mas a soma unitária do comportamento humano, sendo importante percebermos as relações, a maneira pela qual o ator individual se relaciona com o outro, evidenciando certas maneiras marcadas pelas relações de poder e subordinação.

Para o material do historiador, o importante é pensar o fato ou evidência, esta como evidência do comportamento humano (mental, cultural, social, político, etc.). Essas evidências podem até ser incompletas, mas não inverídicas, já que têm propriedades e necessitam de perguntas adequadas, formuladas a partir do posicionamento do historiador; cognoscíveis a partir de métodos históricos, pois a evidência tem sua própria natureza, sua própria história.

A relação da teoria com cada fonte parte dos diálogos mutuamente determinantes. A teoria, como conhecimento e categoria de análise do historiador, pergunta para as evidências, devendo oferecer possibilidades e vislumbrar horizontes. As evidências, por sua vez, expressam os sujeitos, tensões, relações de poder, e interrogam a teoria. Consequentemente, a resposta vem desse diálogo entre ambas.

Nessa reflexão, nós, no presente, podemos atribuir valores e significados ao passado, pois sobre essa discussão acerca desses valores do passado, podemos perguntar, que valores desse passado queremos preservar ou reavivar em nosso presente, o que daquele passado sobrevive até hoje. Além disso, o historiador não deve deixar que suas posições interfiram na busca da verdade histórica.

Entendo, contudo, que para o historiador o engajamento empírico dos processos é fundamental, pois a reflexão histórica não é o resultado de uma operação do puro pensamento, levando em conta que a noção ou conceitos surgem de engajamentos empíricos, mas para isso vale ressaltar que o diálogo com as evidências precisa se mostrar operacional.

Thompson, assim como Benjamin, enfatiza que o materialismo histórico difere de outras ordenações interpretativas das evidências, já que o materialismo histórico emprega conceitos de igual generalidade e elasticidade (exploração, hegemonia, luta de classes), mais como expectativas do que como regras, incluindo categorias de menor elasticidade como feudalismo, capitalismo, burguesia, que surgem na prática histórica, não como tipos ideais realizados na "evolução" histórica.

Portanto, entendo que o historiador pode começar com conceito definido e ir adaptando ou ampliando, até mesmo mudá-lo por completo em sua pesquisa, sendo que o uso pelos historiadores de estudos folclóricos é incentivado por Thompson, visto que a história não caminha por si só, primeiro vendo isto como uma sobrevivência do passado e, segundo é necessário ser submetido a crítica e interrogado a partir das problemáticas da história social.

Para Thompson, é necessário que se façam novas perguntas para as fontes já estudadas anteriormente por outros pesquisadores, realizar um exame mais rigoroso sobre essas evidências, buscar o atípico para entender a regra, isto é, não produzir registros sobre o que nos parece natural, a exemplo do ritual das vendas das esposas, que teve suas fontes não olhadas como sobrevivência, mas reinseridas no contexto total, e em suas complexidades.

Ao trabalhar também a noção de teatro, Thompson, enfatiza que metodologicamente essa noção não deve obscurecer a importância e a força dos processos estudados, mas permitir ao historiador, no estudo dos processos de hegemonia, dirigir sua análise, por exemplo, para o teatro do controle na Inglaterra, feito pelas classes dominantes.

Os diálogos com a antropologia se traduziram primordialmente não nas construções de modelos, mas na identificação de novos problemas, na visualização das diferenças, na alteridade. Contudo, numa relação complexa e complicada, com dificuldades técnicas e metodológicas para se dar o entendimento do funcionamento geral das sociedades e não o específico, pois esse desenvolvimento, segundo Thompson, não obedece a leis.

Raymond Williams em seu texto *Marxismo e literatura* (1979), apresenta uma trajetória diferente do marxismo ortodoxo, pois enxerga o marxismo como tradição e não como religião. Dito isso, em sua obra, busca renovação, nova relação com essa corrente.

Sua obra também foi desenvolvida a partir do trabalho prático e detalhado que empreendeu anteriormente a partir de interações com outros modos, inclusive implícitos, de suposição e argumentação e técnica.

Para tanto, ao pensar a teoria como reflexo de um momento da experiência anterior, Williams buscou encontrar caminhos para os estudos literários visando a compreensão total da sociedade, buscou apreender as transformações a partir de um ângulo esquecido pelo marxismo, a "cultura", e propôs a centralidade da cultura na constituição social, e como dimensão.

Para Williams, os conceitos são questões postas pelos movimentos históricos, já que, metodologicamente falando, não se trata da evolução da palavra cultura, por isso a importância de recuperar, enquanto experiência histórica, ou seja, como elemento de atividade do social, o que significa aprendê-lo em seu momento de constituição, desvendando assim, as diferentes articulações que os usos da palavra *cultura* estão ajudando a constituir naquele momento estudado.

Williams enfatiza sobre as práticas, de ir ao fundo na pesquisa, ir aos detalhes, e perceber qual o processo de formulação dos conceitos, em que momento o conceito perde sua substância e se torna a-histórico. Nisso, torna-se necessário recuperar a substância separada da forma.

Em sua noção de cultura, Raymond Williams incorpora não só as questões, mas também as contradições através das quais se desenvolvem, e propõe um procedimento metodológico que consiste em não aceitar os conceitos sem perguntar, sem problematizar.

A cultura, que antes era crescimento, cuidados, colheitas e animais, depois se torna cuidado e faculdades mentais. Williams, que se pergunta como entendê-la, a compreende como um sistema de significados e valores e, como todo um modo de vida diferentemente de civilização, que se dá pelo processo histórico e que implica na realização, pelo homem, de uma certa cultura. Logo, em oposição à barbárie, o estado de desenvolvimento atingido e a ideia de que o homem faz sua própria história foi enriquecida pela concepção que o homem faz a si, pela produção de seus próprios meios de vida e luta.

Para tanto, é importante se pensar no conceito de hegemonia que vem de Gramsci (2016), que apresenta relação com domínio de classe, domínio político em época de crise pela coerção direta e efetiva, ou hegemonia como complexa dominação de forças políticas sociais e culturais. Sendo assim, a hegemonia tem

que ser renovada, recriada, tem que ser, e o é disputada.

Toda essa perspectiva apresentada sobre cultura como experiência, modo de vida e modo de luta me leva a pensar sobre as práticas e representações, naquilo a que Roger Chartier atribui grande importância: a cultura como práticas sociais e representações coletivas e sua ênfase dada às lutas, por formas de classificações sociais, aproximando esse conceito ao conceito de mentalidades.

No entanto sobre cultura Chartier afirma:

Na verdade é preciso pensar em como todas as relações, inclusive as que designamos por relações sociais, se organizam de acordo com lógicas que põe em jogo, em ato, os esquemas de percepção e de apreciação dos diferentes sujeitos sociais, logo as representações constitutivas daquilo que poderá ser denominado uma - cultura - seja esta comum a uma sociedade ou própria a um determinado grupo (CHARTIER 1990:66) .

Além de pensar nas relações e práticas desses grupos, Chartier critica a concepção habituada, de levar a supor que o cultural só seja investido num campo particular de práticas de produções. Para esse autor, no entanto, concebe-se a cultura como um conjunto de significações que se enunciam nos discursos ou nos comportamentos, aparentemente menos culturais, baseando-se no conceito de cultura da antropologia simbólica ou semiótica definido por C. Geertz (2008).

Um das críticas feitas por historiadores à história das mentalidades, história serial e, conseqüentemente, a nova história francesa, diz respeito a que estas não trabalham a noção de luta de classes, ou seja, a luta política não é própria dessas escolas. Além disso, a noção de representação estaria relacionada à exterioridade, ou seja, ao ver o sujeito na sua exterioridade, fala-se do homem comum ou grupos, e prende-se a perspectiva da representação coletiva, na linha de uma longa duração.

Dentre tudo que foi explanado, percebe-se que as diferenças entre escolas ou tradições existem, que se dão pelas escolhas políticas e ideológicas e por óticas múltiplas. Portanto, muito embora Marx não tenha trabalhado certas perspectivas, como a causa feminista e a cultura, é sempre necessário que se entenda que alguns pressupostos não estavam em pauta na conjuntura do

período, não sendo nem sensato exigir desses pensadores o tratamento de tais problemáticas. Para isso, dialoga-se com esses autores pretéritos, que nos dão uma direção a se seguir, o que nos permite criticar as nossas bases teóricas.

Portanto, a meu ver, a própria veracidade histórica tem que ser histórica e está passível de críticas e reformulações. Aplicando todas as possibilidades, tudo que estiver ao nosso alcance será feito para que a pesquisa alcance resultados o mais próximo possível da realidade do período, fazendo-se uso de vários elementos, não somente da fonte escrita, mas também da cultura material, que, entre outras peculiaridades, pode revelar muito de um determinado período, tendo em vista que as relações sociais produzem materialidades, simbólicas. Logo, pode-se saber muito sobre determinada cultura e sociedade através dos seus vestígios materiais.

Por fim, fico com a perspectiva de que as possibilidades teóricas abordadas no texto me permitem uma relação de ambiguidade teórica, possibilitando, assim, até mesmo um hibridismo teórico, ampliando as fronteiras da pesquisa histórica.

A meu ver, a noção de representação também pode ser vista, ainda que a perspectiva seja diferente entre historiadores franceses e ingleses, como prática social sendo possível a articulação entre práticas, experiências, representações, modos de vida e de luta, pois as representações também são uma forma de resistência e luta, transformando-se em luta política à medida que a cultura transmite seus valores e se mostra viva e em transformação, não somente como forma de preservação da identidade, mas também como forma de sobrevivência no mundo real, numa disputa acirrada. Ainda que representação seja diferente de intervenção, ambas as noções podem se relacionar ambigualmente ou mesmo uma ser consequência da outra, em uma perspectiva de hibridismo teórico.

Entre tantos conceitos de cultura, tendo a pensar que ela pode ser herdada, imposta, encenada, praticada, recebida, transmitida, adaptada, transformada, cristalizada, fossilizada e se dá de forma prática, representativa, experiência, pessoal e coletiva, e ter seus aspectos simbólicos e de luta.

2.3 História e cidade

Para que haja uma discussão mais apurada sobre cultura e cidade, é sempre Raymond Williams que se torna referência dessa descrição e análise,

Ele apresenta sua visão sobre as duas formas, relata o urbano e o rural em uma Inglaterra que sofreu transformações significativas com a Revolução Industrial.

Essas transformações ocorrem tanto no urbano quanto no campo, em uma relação de redes de paisagens. Para Williams, essas modificações materiais transformaram também todo o corpo social. Mas existe algo muito além do novo, apropriado pelas comunidades humana, como a questão dos sentimentos, das relações e das vivências dessas comunidades em meio a tanta transformação. Isso é verificado também nas próprias lembranças do autor, mas não somente isso. Há uma relação de passado e presente nas novas formas do uso dos espaços, urbanos e campestres, nas camadas de uma estrada, possivelmente romana, com sedimentação milenar que impede a estaca de uma nova construção.

Ainda que atualmente muitos pesquisadores já tenham problematizado essa questão entre rural e urbano, não compreendendo mais que haja diferenças entre esses dois espaços (o rural como algo bucólico, lugar de felicidade, e a cidade como dinâmica e lugar de perdição), mas sim que são espaços que se relacionam, ou seja, ambíguos, geográfica e culturalmente, ainda é de grande relevância pensar espaços urbanos e rurais dentro de conjunturas históricas que nos permitam entender determinadas culturas em seus estados de mutação. Isso pode explicar as relações entre as comunidades do campo e da cidade.

Contudo, o que é uma cidade? De acordo com Canclini (2008), essa pergunta não pode mais ser respondida da maneira tradicional, na dicotomia entre cidade e campo, heterogênea, mas, pela tentativa de caracterizar o urbano levando em conta também os processos culturais e imaginários dos que o habitam (CANCLINI 2008).

Portanto, tento pensar a cultura na cidade e da cidade, nas suas relações, nas dimensões simbólicas e em sua materialidade, posto que me fazem perceber a cidade como cultura material, um artefato social, onde é possível ver sua dimensão sociocultural. Para além disso, Canclini (2008), nos afirma que não é possível estabelecer com rigor uma cidade, pois um dos pontos centrais de sua análise apresenta uma tensão entre as cidades no que se refere ao que elas são e o que queríamos que fossem.

Para tanto, faz-se necessário, no estudo do urbano, haver algo de manifesto. Se Nova Iorque é como uma pedra de roseta de dimensões internacionais, cidades sul-americanas como São Paulo, Rio de Janeiro ou

Buenos Aires também precisam ser analisadas de formas específicas em dimensões macro e micro, como artefatos.

Assim como Manaus, uma metrópole deslocada dos eixos, implantada no meio do maior Estado da federação, ou seja, de proporções continentais, que durante um pequeno período em que foi inserida no contexto internacional do capitalismo a partir da extração e exportação do látex, sofreu transformações aos modos dos ideais vigentes do período, da *Belle époque*.

Uma *Belle époque* com medidas tropicais adaptadas, concebida no outro lado do Atlântico, logo uma versão brasileira que lhe daria o apelido de "Paris dos Trópicos", que pode ser vista para fins de análise desta perspectiva.

Já Nestor Canclini não discute a história das cidades, e sim problematiza as questões da cidade pelo viés dos imaginários, linguagens e pelas diversas formas em que o imaginário se constitui.

Apresenta também a importância de perceber em que momento a cidade se torna categoria explicativa, pois o imaginário não é apenas representação simbólica. E nisto surgem outras questões: como lidar com o real e o imaginário do real? Qual a nossa cidade imaginada? Canclini apresenta algumas configurações imaginárias, os usos das cidades pela ótica do contemporâneo e o futuro do urbano, articulando algumas redes de comunicações em sistemas espaciais específicos, apresentando as cidades da informação ou do conhecimento que se articula com a cidade do espetáculo, a do reconhecimento e a do desconhecimento, relacionado ainda com as subjetividades dos pequenos grupos na dimensão das micropolis dentro das grandes cidades.

Portanto, ao pensar a paisagem urbana, é necessário que sejam feitas também perguntas a um outro tempo, fazendo uso de outras fontes, outras linguagens que revelam uma historicidade sobre a cidade verificada na pintura, na imprensa com suas várias narrativas, entre outras, e no cinema.

Dito isso, relaciono a cidade à obra do cineasta Wim Wenders, que busca um olhar apurado sobre as cidades, pelo fato de se respaldar não só em sua experiência como cineasta, mas também como viajante para falar sobre paisagens (urbana e rural).

Para isto, é fato dizer que o cinema é uma cultura urbana que surge no final do século XIX e cresce com as cidades reconfiguradas nesse período.

Logo, o cinema vê e registra as modificações das cidades e acompanha o seu processo sociocultural, em todo seu contraste, sendo este "o espelho

adequado das cidades do século XX, e dos homens que aí vivem" (WENDERS 1994). De fato, as cidades continuam mudando a cada momento, elas não param, só crescem, horizontal e verticalmente, transformando a paisagem registrada em imagens.

O autor relaciona paralelamente essa modificação das cidades com as das imagens, no decorrer da história da humanidade, desde os registros rupestres, passando pela fotografia, cinema e televisão, sendo esta última a que aproxima e a distancia.

Logo, definitivamente se percebeu que essas imagens não representavam a realidade, mas, mesmo assim, isso possibilitou o afastamento do social, não sendo mais necessário ir até algum lugar – isso poderia ser transmitido ao vivo ou gravado.

Hoje, com a internet e os celulares cada vez mais potentes, as imagens migram em segundos, imediatamente transmissíveis de um ponto a outro do globo terrestre, num bombardeio de imagens nunca pensado. Mas tudo isso se deu historicamente, pois as pessoas tiveram que aprender a lidar com esse domínio das imagens. Como exemplifica Wenders (1994), "um expectador dos anos de 1930" sairia atordoado de uma sala de exibição com um filme de ação dos tempos atuais.

Essa relação de imagem e cidade se dá de várias formas. Uma delas é a econômica, visto que o pensamento publicitário da rapidez torna a disputa acirrada e muitas vezes desleal, não havendo mais espaço para o que é menor, mais lento e modesto.

Wenders enfatiza a necessidade do afastamento das cidades e maior relação com a terra, com o lugar e o fazer parte dela. Daí que sugira aos arquitetos a construção de lugares vazios, que preservem o livre, o vão, que possibilitem a vista da paisagem, e não mais o contrário: construções cheias, que escondem algo que é de todos: a cidade e a paisagem.

Para toda essa discussão a respeito das cidades e suas relações com a tecnologia de cada época (cinema, informática, etc.), penso que é importante o pensamento de Michel Foucault, no que diz respeito ao espaço e ao poder. Em entrevista dada a Paul Rabinow (2002), em que pensa a relação dos projetos arquitetônicos com a história, pergunta-se que arquitetura é essa? Libertária ou opressora? Qual é o papel do arquiteto e sua intenção? Foucault se posiciona a favor da história e questiona a ideologia do restauro, pensando também a

arquitetura como suporte social e espaço para relações sociais, discute os lugares de prazer, os banhos romanos, os bordéis lidando com uma sexualidade pública, dentro da perspectiva da liberdade pública, e pensar as apropriações e as transformações dos espaços públicos possibilita também as disputas territoriais, naquilo que Antônio Arantes (2000) chama de “a guerra dos lugares” nas zonas de turbulências socioculturais.

Essas ações acontecem nos lugares e não-lugares, áreas limiares culturalmente ambíguas, invisíveis e poluidoras, que são fronteiras simbólicas e territorialidades flexíveis, lugares que foram apropriados pelos excluídos moradores de rua, os invisíveis visíveis. Por isso, problematizar as noções e categorias usadas pelas ciências sociais é de extrema importância.

Pensando como o historiador, lido com as espacialidades, quais são as territorialidades e as desterritorialidades, divisões e significados que estão expressas em minha pesquisa? Posto que o espaço físico é constituído de memória e as relações socioespaciais dialogam com as práticas, vemos que dentro das relações de espaço temporal, torna-se importante entender como tais classes ou sujeitos transmitem essas experiências e qual a percepção e atribuição desses significados.

Já Raquel Rolnik (1992) define *território* como espaço físico, e *territorialidade* como as relações de espacialidade. Não há território sem sujeito, assim como não há territorialidade sem disputa. O ficar como está, repondo todo o dia a hegemonia, é uma disputa constante e essa territorialidade não pode ser vista como uma coisa, mas sim como fatos, memória, representação, além de conflitos de identidades, transições e apresentações desses sujeitos em alguns espaços e em outros não.

Pensando os espaços como fontes para o historiador, que podem ser lidos e interpretados, Rolnik sugere aos historiadores urbanos trabalharem toda variante de significados dos processos de territorialização e reterritorialização na história, além de suas relações sociais político-econômicas com os processos mais globais e genéricos dos povos, ou seja, estudar esses fenômenos em uma dimensão macro, global e experiências semelhantes em níveis menores.

Portanto, é nesse sentido que esta pesquisa busca inserir Manaus, no recorte do sociocultural, e do ponto de vista da circularidade da cultura material que era consumida na cidade como em outras partes do país e do mundo. Logo, se a Amazônia, na *belle époque*, significou a euforia do triunfo da burguesia, no

final do século XIX, quanto dessa parte da população da cidade incorporou as conquistas materiais e tecnológicas? (OLIVEIRA 2005:15). Portanto, a resposta a essa pergunta, pode ser vista na deposição em grande escala dos artefatos coletados nos sítios arqueológicos históricos da área focal do PROSAMIM III, que apresentou centenas de fragmentos de material doméstico, entre louças de diversos tipos e material vítreo variado, assim como material construtivo.

2.4 Breve Histórico sobre a cidade de Manaus

A cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, possui uma história muito diversificada e de longa duração, remontando desde o período pré-colonial, colonial, até os dias de hoje.

No período do contato, que por convenção é chamado de colonial, a região ainda era habitada por diversos povos indígenas, como Tarumã, Barés, Passés e Manaós, entre outros, sendo que os últimos aqui citados deram origem ao nome da cidade (MONTEIRO 2016).

No século XVII, os portugueses estabeleceram um forte na área para proteger a região contra invasões estrangeiras, o que causou mudanças significativas nessa região da Amazônia central.

Posteriormente, no século XIX, Manaus se tornou um importante centro urbano com a exploração e extração do látex das seringueiras, que trouxe prosperidade e desenvolvimento à cidade.

Grandes mansões e edifícios luxuosos começaram a ser construídos, refletindo a prosperidade e ostentação dessa época.

Um dos pesquisadores que apresentam essas características é Otoni Mesquita, que em seu livro "Manaus: História e Arquitetura (1669-1915)" mergulha profundamente na evolução urbana e cultural de Manaus. Através de uma narrativa envolvente, Mesquita não apenas relata os eventos históricos, mas também pinta um quadro vívido da sociedade manauara durante períodos cruciais de transformação (MESQUITA 2019).

Este autor foca os detalhes arquitetônicos, não se prendendo apenas aos aspectos estéticos, mas buscando entender como o espaço urbano e a identidade cultural de Manaus se entrelaçam.

Em sua obra, é possível de se ver as descrições dos edifícios, espaços públicos e avenidas da *belle époque*, que revelam como a riqueza gerada pelo

ciclo da borracha impulsionou a cidade a adotar inovações e modismos europeus, transformando-a em um símbolo de progresso no coração da floresta tropical.

Além disso, o autor aborda a influência de diversas culturas e nacionalidades que convergiram para Manaus, criando um mosaico cultural único. Logo, a presença de estrangeiros e a adoção de suas ideias e costumes pelas elites locais são aspectos fundamentais para compreender a dinâmica social da época.

As fotografias e gravuras incluídas na obra não apenas complementam o texto, mas também servem como testemunhos visuais da história, permitindo aos leitores uma conexão mais íntima com o passado, pelo véis da arquitetura, história ou simplesmente na rica tapeçaria cultural de Manaus (MESQUITA 2019). Portanto, o autor celebra a cidade e seus habitantes, capturando a essência de Manaus em suas páginas. A obra é, sem dúvida, um tributo à cidade e um convite para descobrir suas muitas camadas e segredos.

No entanto, essas camadas e segredos se expuseram de maneiras menos luxuosas e burguesas. Pois na “Paris dos tópicos”, nem todos tinham algum dólar para acender charutos, e ao contrário disso, trabalhavam duro para sobreviver.

Já Pinheiro (2012), que examina o contexto do porto de Manaus durante esse período, revelando as lutas, desafios e injustiças enfrentadas pelos trabalhadores, destaca a realidade por trás da prosperidade aparente da época, explorando as condições de trabalho, as relações de poder e as lutas por direitos.

Deusa Costa (2014), por sua vez, trabalhou a Manaós em seu processo de urbanização durante o período de 1890 a 1915. A autora examina como a cidade de Manaus se transformou nesse período, enfatizando que a valorização do perímetro urbano não resultou na segregação física das classes populares, mas sim na sua invisibilidade (COSTA 2014).

Costa apresenta as ameaças percebidas à ordem urbana e as respostas das autoridades para manter o controle. As ameaças incluíam as questões de saúde pública, como epidemias e condições sanitárias precárias, bem como tensões sociais decorrentes da chegada de trabalhadores migrantes e o aumento da desigualdade. A resposta das autoridades envolveu medidas de saneamento, regulamentação urbana e policiamento intensificado (COSTA 2014).

Tudo isso em decorrência das políticas de modernização que almejaram

a projeção do progresso e civilização, na mesma medida em que marginalizavam os indesejáveis, ao mesmo tempo, em que destacava uma relação complexa entre o controle social e a urbanização acelerada.

Edinea Mascarenhas Dias (1999) apresenta esse período pela ótica do fausto ilusório, posto que as riquezas geradas pela goma elástica criaram uma época de luxo efêmero e de progresso inconsistente (DIAS 1999).

A autora apresenta os números de 1920, quando a produção amazônica representava apenas 5% do consumo mundial de borracha, período em que a cidade enfrentou grandes dificuldades. Logo, o luxo, a ostentação e opulência sustentados pelo trabalho quase escravo dos seringueiros desapareceram abruptamente. Consequentemente, as grandes construções foram interrompidas e a cidade passou por transformações significativas (DIAS 1999).

Sobre estas transformações, Dorinethe dos Santos Bentes apresenta a história urbana de Manaus através de uma lente multidisciplinar. Ao focar nas estruturas físicas da cidade, Bentes não apenas documenta a evolução arquitetônica, mas também captura o pulsar do cotidiano e as mudanças sociais que moldaram a cidade entre 1910 e 1940 (BENTES 2008).

Este período foi marcado por uma série de transformações que refletiram tanto as aspirações quanto as realidades do crescimento urbano. A abordagem da Nova História Cultural permitiu uma análise rica e detalhada, integrando a macro-história com as experiências individuais e coletivas dos habitantes da cidade.

Bentes combina documentação oficial com fontes contemporâneas, e oferece uma narrativa vívida que destaca a complexidade das interações entre o desenvolvimento urbano, políticas governamentais e a vida das pessoas comuns.

A autora conclui que Manaus estava em constante transformação, sendo um lembrete de que as cidades são organismos vivos, sempre em fluxo, respondendo às necessidades e desafios de seus habitantes (BENTES 2008).

O trabalho de Bentes contribui significativamente para o entendimento de como as cidades brasileiras se adaptaram e mudaram durante um período crítico de modernização e crescimento.

Por fim, torna-se compreensível que os autores e autoras, apresentados aqui, ofereçam uma visão crítica e esclarecedora da história de Manaus, revelando as complexidades sociais e econômicas desse período. É o declínio

da borracha, no início do século XX, que afetará profundamente Manaus, levando a cidade a enfrentar dificuldades econômicas e sociais. No entanto, na segunda metade do século XX, com o desenvolvimento da Zona Franca de Manaus e a industrialização, a cidade de Manaus experimentou um renascimento e, na atualidade, experimenta também significativas transformações em seus igarapés.

2.5 Fundamentos legais de proteção do patrimônio cultural brasileiro

Antes de traçar um panorama sobre como ocorreram as pesquisas arqueológicas em contexto urbano/histórico na cidade de Manaus, é necessário que se faça um voo pela legislação vigente tanto no período atual como no período anterior.

Não tenho a intenção de problematizar a legislação, mas apenas apresentar o respaldo jurídico que nos foi conseguido em anos de luta e conquistas, pelos defensores do patrimônio cultural brasileiro, que buscam fazer valer essa legislação relativamente ao que podemos chamar de passivo patrimonial.

Iniciando pela Constituição Federal de 05 de outubro de 1988, que apresenta em seu Artigo 20:

São bens da União: [...] X- As cavidades naturais subterrâneas e os sítios arqueológicos e pré-históricos. Artigo 23 - É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios: III - proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos; IV - impedir a evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural; V - Artigo 24 - VII - proteção ao patrimônio histórico, cultural, artístico, turístico e paisagístico; Artigo 30 - Compete aos Municípios: IX - promover a proteção do patrimônio histórico-cultural local, observada a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual. Artigo 216 - Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, V

– os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. § 1º. O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. § 2º. Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem. § 3º. A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais. § 4º. Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei. (BRASIL 2016:25).

Como está escrito na Constituição, é dever de todos ter esse cuidado com o patrimônio, assim como o Estado deverá assegurar a proteção sob a forma da lei. No entanto, ainda existe um grande abismo entre o ideal e o real. De qualquer forma, na atualidade, o patrimônio cultural brasileiro, no que diz respeito à arqueologia, está contando com novos mecanismos de sobrevivência, a exemplo da arqueologia de contrato ou consultoria arqueológica. Mas, como alguns diziam, "era um mal necessário"; hoje, há quem diga, e eu concordo, que é um benefício prático, tanto para os profissionais como para o país e toda a coletividade, assegurando a sobrevivência e o conhecimento de mais um bem cultural. Mas, até que se chegasse à Constituição de 1988, houve um grande percurso anterior, uma longa estrada que foi percorrida.

A preservação e proteção do patrimônio arqueológico brasileiro, de responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, está prevista na legislação nacional desde a década de 1930, quando o Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937, promulgado pelo então Presidente da República Getúlio Vargas, insere este componente cultural no quadro jurídico nacional.

Desde então, o escopo desta proteção foi aumentado através da publicação, entre outros, da Lei n.º 3.924 de 26 de julho de 1961, a qual dispõe especificamente sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos, categorizando, em seu Artigo 5º, como crime contra o Patrimônio Nacional a destruição ou mutilação dos mesmos e, mais recentemente, da Resolução

CONAMA n.º 001 de 23 de janeiro de 1986, que estabelece em seu Artigo 6º, inciso I, alínea c, que estudos diagnósticos sobre monumentos e sítios arqueológicos presentes na área de influência de projetos aos quais a Resolução se aplica devem estar presentes em seus Estudos de Impactos Ambientais – EIA.

A promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que veio a confirmar e reforçar a necessidade de preservação e proteção do patrimônio cultural nacional, sacramenta como bens da União Federal os sítios arqueológicos. Conforme estabelece a legislação vigente atual: Lei Federal n.º 3.624/1961, e portarias n.º 07 de 01/12/1988 e n.º 230 de 17/12/2002 e Resolução CONAMA 001 de 23/01/1986, e memorando circular n.º 14/2012, e mais recentemente a Instrução Normativa 01/2015, que está regulada ao nível de todos os órgãos do governo em padrões equivalentes à caracterização (CODOMAR 2014:46-47).

Portanto, a preservação do patrimônio cultural, está conforme a legislação brasileira em todas as suas esferas, sendo nesse contexto que a pesquisa arqueológica se encaixa como atividade necessária para o bem da união e do fortalecimento da proteção do patrimônio cultural da cidade de Manaus da identidade Amazônica.

2.6 Breve histórico da arqueologia no Amazonas e em Manaus: do Projeto ArqueoUrbs ao projeto de arqueologia urbana no PROSAMIM III

O cenário arqueológico amazônico tem demonstrado cada vez mais a grandeza dos povos pré-coloniais que o habitaram. No entanto, a Amazônia tem sido, há muito tempo, foco de um debate a respeito do impacto do ambiente úmido tropical sobre o desenvolvimento das culturas indígenas (ROOSEVELT 1991). Isto fez com que a Amazônia fosse vista como um ambiente pobre para o homem viver, ou seja, um falso paraíso que inibiu um crescimento populacional e o desenvolvimento cultural em comparação com as regiões montanhosas e costeiras do Oeste da América do Sul (ROOSEVELT 1991).

Entretanto, uma nova visão de épocas pré-coloniais na Amazônia surgiu com pesquisas arqueológicas que revelaram novas perspectivas, além de revisar trabalhos anteriores. Essas novas pesquisas revelam um cenário em que há um rico patrimônio arqueológico mais bem preservado e mais substancial do que antes se imaginava.

Esse novo cenário oferece evidências de uma longa e substancial sequência de desenvolvimento indígena na Amazônia, muito mais complexa e menos produto de influências externas do que se pensava (ROOSEVELT 1991).

Assim, para que chegássemos ao cenário atual, ocorreram várias pesquisas arqueológicas na região, desde a segunda metade do século XIX, o que nos leva aos estudiosos naturalistas, viajantes e antropólogos daquele período até a virada para o século XX.

A partir da segunda metade do século XX, intensificaram-se os trabalhos na região da Amazônia central e outro perfil de pesquisas começou a se esboçar, com ênfase em uma corrente fortemente ligada ao que se denominou “determinismo ecológico”, em que o meio ambiente seria o principal influenciador dos diversos processos observados na vida das populações.

Apesar de todas as críticas sofridas, esse modelo apontou para a ilustração de um processo geral, historicamente orientado pela antropologia ecológica, às vezes chamado de ecologia histórica (NEVES 1999-2000). No entanto, foi a publicação, em 1948, do *Handbook*, por exemplo, em que primeiramente se lançou o modelo de Cultura de Floresta Tropical, definida por Lowie através da presença de traços tão diversos, como o uso de rede de dormir, navegação fluvial, a cerâmica, agricultura incipiente, especialmente o cultivo de tubérculos, e a ausência de elementos arquitetônicos ou metalúrgicos (LOWIE 1948 *apud* NEVES 2006). Foi também através do *Handbook* que se lançou uma perspectiva ainda forte na arqueologia sul-americana, que vê a Amazônia como uma área periférica histórica e culturalmente no continente (WILSON 1999 *apud* NEVES 2006). Nessa perspectiva, os povos que habitaram a Amazônia no passado seriam oriundos de levas migratórias, de populações sub-andinas, com um nível cultural considerado mais avançado, denominado Cultura Circum-Caribe. Esse movimento populacional teria partido do noroeste da América do Sul em direção ao litoral Atlântico.

Segundo Neves (2006), uma das grandes contribuições de J. Steward e R. Lowie para a arqueologia das terras baixas da América do Sul foi a criação de modelos preditivos testáveis, que impulsionaram uma série de pesquisas arqueológicas na região. Dentro desta perspectiva, está o casal de arqueólogos

norte-americanos Betty J. Meggers e Clifford Evans. Contando com o beneplácito de governos militares brasileiros, Meggers reinou sobre a arqueologia amazônica nos anos 1960 e 1970, ainda que incomodada com o calor, a umidade e os insetos, referências constantes em seus escritos. Meggers comandou os primeiros trabalhos arqueológicos extensos e sistemáticos na região, reunidos em 1971 numa obra clássica: *Amazônia: Man and Culture in a Counterfeit Paradise* (v. MEGGERS 1987).

O título já trai o viés da arqueóloga com relação à floresta amazônica, que, da ótica do determinismo ambiental, seria incapaz de dar origem a culturas mais complexas, mesmo as óbvias exceções, como as cerâmicas Marajoara e Santarém, teriam sido resultado de incursões esporádicas de civilizações estranhas ao ambiente amazônico, oriundas do Caribe ou mesmo dos Andes. Uma vez ali instaladas, teriam entrado num processo irresistível de decadência, provocada pelo meio e suas transformações. Esse casal influenciou e treinou diversos pesquisadores brasileiros, entre eles Mário Simões, Eurico Muller, entre outros. Nessa época, é implantado o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica – PRONAPABA, organizado através de uma parceria entre o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e o Smithsonian Institution, de Washington. Esse programa de levantamento e estudo de sítios arqueológicos foi a versão amazônica de um primeiro e bem-sucedido projeto coordenado pelo casal Betty Meggers e Clifford Evans, o PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), que havia, de 1965 a 1970, mapeado parte do território brasileiro.

Outro autor que deu contribuições originais à arqueologia amazônica foi o estadunidense Donald Lathrap. Ele se apropriou do conceito de Cultura da Floresta Tropical de maneira diferente, apresentando um quadro alternativo para a arqueologia amazônica, a criação do chamado “modelo cardíaco” (BROCHADO 1989 *apud* NEVES 2006). Esse modelo colocou a Amazônia Central como uma região chave para a compreensão da história pré-colonial das terras baixas da América do Sul, e sugere ser ali o centro onde se desenvolveram inicialmente processos como o adensamento demográfico, resultante de adaptações agrícolas e ribeirinhas bem-sucedidas, e a emergência da complexidade sócio-política, resultante de uma duradoura ocupação humana (NEVES 2006).

Segundo essa hipótese, a Amazônia Central teria sido um dos prováveis centros de origem e expansão da cultura da Floresta Tropical e da agricultura do continente, bem como centro de dispersão inicial das populações ancestrais, das atuais falantes de línguas dos troncos Arawak e Tupi, e o período inicial desse processo seria por volta de 4.000 a.C. (BROCHADO e LATHRAP 1982).

A partir dos anos de 1980, Anna Roosevelt e seus colaboradores brasileiros iniciaram pesquisas no médio e baixo Amazonas. Esses trabalhos, ao contrário dos coordenados por Meggers, não se basearam em quaisquer comparações entre sociedades indígenas atuais e grupos pré-históricos, pois aquela autora alega que a conquista europeia teria transformado profundamente as sociedades indígenas amazônicas, comprometendo analogias baseadas em dados etnográficos (ROOSEVELT 1991).

Quanto aos trabalhos referentes à cidade de Manaus, relata-se a importante contribuição de Mário Simões, que, em 1978, identificou algumas dezenas de sítios arqueológicos, a exemplo do sítio Lajes, localizado no bairro do Mauzinho; além das atividades de prospecção desenvolvidas pelo arqueólogo alemão Peter Paul Hilbert, que registrou sítios arqueológicos nos arredores da cidade de Manaus, onde atualmente se encontram a Refinaria Isaac Sabá (REMAN) e o Aeroporto de Ponta Pelada. Esses sítios receberam os nomes da REMAN, da Base Naval de Manaus e de Paredão.

Posteriormente, em 1968, foi identificado o Sítio Manaus, na área da atual praça D. Pedro II, no centro histórico da capital. Em 1968, Hilbert iniciou os trabalhos de definição cronológica e estilística dos complexos cerâmicos da Amazônia Central (NEVES 2006). As fases arqueológicas definidas por ele ainda são referências para todos os trabalhos na região. Abaixo, segue a tabela explicativa da definição cronológica de Hilbert (1968 *apud* NEVES 2006:256).

FASE	TRADIÇÃO	DATAS 14 C
Guarita	Polícroma da Amazônia	Sem Datas
Paredão	Borda Incisa	880 +/- 70; 870 +/- 70 d.C.
Manacapuru	Borda Incisa	425 +/- 58 d.C.

Quadro 1 - Cronologia Cerâmica da Amazônia Central, adaptado de Hilbert (1968 apud NEVES 2006:256).

Já em meados da década de 1990, surgem os trabalhos desenvolvidos no âmbito do PAC (Projeto Amazônia Central), tornando possível apontar para uma

cronologia mais refinada (elaborada com datações radio-carbônicas), levando em consideração as teorias propostas anteriormente, bem como os mais recentes dados gerados pelas escavações de alguns sítios arqueológicos nessa área. Nesse contexto, completando a tabela acima, é definida mais uma fase arqueológica, assim como aparecem datações, mesmo que relativas, sobre a fase guarita, aumentando assim os dados arqueológicos na região, que apresentam a seguinte tabela:

Fase Açutuba	século III a.C. a III d.C.
Fase Manacapuru	séculos IV a VIII d.C.
Fase Paredão	séculos VII e XII d.C.
Fase Guarita	séculos IX-XVI d.C.

Quadro 2 - Cronologia Cerâmica da Amazônia Central, adaptado do PAC (Projeto Amazônia Central).

Tal cronologia é pensada a partir de diferenciações ocorridas no registro arqueológico e são, de forma geral, definições que conferem ao material uma datação relativa quando da sua localização no contexto dos sítios arqueológicos, ou seja, são critérios que possibilitam identificar o tipo de ocupação ocorrida em uma área que se configure como sítio, permitindo dessa maneira a formulação das primeiras hipóteses.

Torna-se evidente a consolidação que apresentam hoje as pesquisas arqueológicas na região amazônica, embora haja necessidade de dar continuidade a elas, uma vez que estamos tratando de processos muito complexos, não sequenciais ou acabados em si como alguns autores propuseram, e sim de evidências que declaram cada vez mais alto nível de organização e desenvolvimento. Entretanto, nos últimos anos, houve um aumento circunstancial do número de trabalhos envolvendo arqueologia no âmbito de consultoria ou arqueologia de contrato, o que nos permite conhecer áreas em que há evidências arqueológicas, que, de outra maneira, talvez nunca viéssemos a saber.

Como é possível observar sobre a arqueologia amazônica com os relatos acima citados, que pouca ou nenhuma importância foi dada à arqueologia histórica, ainda que se verifiquem trabalhos de arqueologia urbana. Para tanto, pode-se dizer que, além das pesquisas citadas acima, ocorreram também em Manaus projetos de arqueologia urbana e histórica, sendo um dos projetos

precursores, o ArqueoUrbs - SEC/AM, coordenado pelo arqueólogo Paulo Zanettini, projeto de arqueologia urbana desenvolvido no centro histórico de Manaus, no Paço da Liberdade.

O programa Monumenta – Manaustur (Fundação Municipal de Eventos e Turismo), coordenado pelo arqueólogo Eduardo Góes Neves, ocorreu no Paço Municipal e centro histórico de Manaus.

As duas pesquisas citadas acima foram realizadas em consequência do restauro do Paço Municipal, sendo realizadas, cada uma delas, em duas etapas. Nelas foram identificados materiais de contexto histórico e pré-colonial e objetos, desde artefatos de louças europeias a urnas funerárias indígenas.

Outras pesquisas realizadas foram as pesquisas do sítio histórico/arqueológico Catedral Metropolitana que estava relacionado ao restauro da Igreja da Matriz, e o mais recente Projeto de arqueologia urbana do PROSAMIM III, que está associado à revitalização dos Igarapés de Manaus, envolvendo bairros centenários do centro histórico manauense, e é nesse contexto que se insere esta pesquisa, além da pesquisa do projeto de arqueologia realizado pela revitalização do centro histórico de Manaus, realizado pela empresa de consultoria arqueológica Muiraquitã Arqueologia.

Portanto, com todas as questões apresentadas até o momento, no capítulo, apresentamos os sítios arqueológicos e seus artefatos, além do método de análise que possibilitou um estudo de cada coleção e seu inventário.

Capítulo 03.

Critérios e métodos - Os sítios arqueológicos da área do igarapé do São Raimundo

3.1 Critérios e métodos

Nesta parte da pesquisa, descritivamente, apresento os procedimentos metodológicos utilizados na análise da coleção dos sítios arqueológicos estudados, em uma descrição de todo material analisado em termos quantitativos e tipológicos.

Apresento o contexto dos sítios arqueológicos identificados pelo Projeto de Arqueologia Urbana do PROSAMIM III, sendo que os artefatos coletados em três deles não tinham sido analisados ainda, fato que ocorreu nesta pesquisa.

Sendo assim, direcionada por duas perguntas gerais, sendo a primeira:

como ocorreu o processo de ocupação humana na área do Igarapé do São Raimundo? A partir dessa questão, a pesquisa que foi conduzida pelo estudo da cultura material, e fez surgir a segunda pergunta: como contar essa história da ocupação humana das margens do Igarapé do São Raimundo a partir de artefatos arqueológicos? Com isso, foi possível, em um primeiro momento, investigar os vestígios culturais, cultura material móvel e imóvel, inferindo um histórico sociocultural na realização dos processos de modificação da paisagem e ocupação ocorridos no Igarapé de São Raimundo, relacionando as transformações econômicas e sociais do ponto de vista histórico e arqueológico das mudanças ocorridas nos padrões socioculturais, arquitetônico e da sua relação com o Igarapé.

No entanto, essa perspectiva abrangeria muitos aspectos de análise, não sendo realista, considerando os prazos de conclusão de uma dissertação de mestrado. Para tanto, vários recortes foram sendo realizados para que pudesse haver coerência com o tempo que nos é disponibilizado.

Assim sendo, em reuniões de orientação, decidiu-se por uma proposta de interpretação histórica da ocupação humana das margens do Igarapé do São Raimundo em Manaus, a partir de artefatos arqueológicos. (Re)definido o tema e o objetivo do projeto, o método proposto e utilizado foi o método arqueológico de análise dos artefatos em laboratório, que envolveram duas etapas que se completaram no processo de curadoria.

A primeira área a ser trabalhada pela arqueologia foi o igarapé do Belchior, um pequeno braço na margem esquerda do Igarapé do São Raimundo, sendo que, no local, foram feitas atividades de monitoramento junto às máquinas que perfuravam o solo e subsolo e fazia-se coleta de muitos fragmentos de cultura material, que mais tarde se revelaram de importância para a arqueologia histórica, como fragmentos de faianças, garrafas, louças, manilhas de argila, etc., havendo também artefatos móveis e imóveis coletados e identificados dentro da área focal em que houvera intervenções de cunho urbanístico.

Os critérios e métodos adotados na pesquisa em campo, foram; prospecção interventiva e não interventiva, com caminhamentos sistemáticos em torno de toda a ADA (Área Diretamente Afetada) e AID (Área Indiretamente Afetada) do PROSAMIM III.

Consequentemente foram feitas intervenções de resgate (salvamento) em locais onde foram identificados potenciais arqueológicos e históricos; esses

locais foram identificados como sítios arqueológicos sendo que, nesta pesquisa, apresento 6 deles, com análise em laboratório feita por mim de apenas 3 destes que faltavam ser analisados.

Já em laboratório, primeiramente, foram feitas triagens de todo material coletado, nos 3 sítios citados, e as complementações que faltavam; em seguida foi possível analisar os relatórios que apresentavam informações mais completas e, a partir de então, tentar propor uma análise do aspecto sociocultural a partir desses dados.

No uso das técnicas aplicadas nas análises do material ainda não analisado, foram utilizados instrumentos de medição (paquímetro), lupa binocular de 200mm (para análise de cerâmica pré-colonial e lítico), grafites, caneta nanquim, papel milimetrado, máquina fotográfica e escalímetro.

- Monitoramento e acompanhamento das obras do PROSAMIM III, com registro e salvamento de materiais arqueológicos encontrados;
- Pesquisa e análise dos vestígios arqueológicos, com identificação de sítios, contextos e cronologias;
- Educação patrimonial, com ações de sensibilização e divulgação dos resultados do projeto para a comunidade e o público em geral;
 - Musealização, com a criação de espaços de exposição e interpretação dos achados arqueológicos.

No material cultural que precisou receber triagem, foram criadas fichas de análises, levando em conta características básicas de análise de artefato arqueológico, considerando os aspectos que os artefatos me permitiram observar.

Em alguns desses objetos foi possível fazer análise tipológica e funcional, no entanto, havia fragmentos muito deteriorados e de pequeno diâmetro, que não possibilitaram uma maior generalização.

A partir de então, as coleções foram divididas de maneira geral e tipológica, como o exemplo do modelo de ficha abaixo:

FICHA DE INVENTÁRIO DE BEM ARQUEOLÓGICO MÓVEL Artefatos de vidro e grés Garrafas – frascos - recipientes	
1- Procedência e Localização Atual	
1.1 Sítio: Vila de São Francisco	
1.2 N° do processo: N°1327 1o/15 IPHAN-AM	
1.3 Endereço:	
1.4 Instituição: Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza SEC/AM	

1.5 Endereço:			
2 – Dados Gerais			
2.1 Número (s) de registro (s): 0021º			
2.2 Denominação: Garrafa de grés			
2.3 Descrição: o Artefato de garrafa de grés, porção inteira, de cor marrom, forma de ombro redondo, fabricação europeia – Amsterdam- Holanda, marca holandesa, sem rótulo recipiente de líquido.			
3. Categoria:			
<input checked="" type="checkbox"/> Artefato <input type="checkbox"/> Ecofaoto <input type="checkbox"/> Bioarqueológico	<input type="checkbox"/> Estrutura/feição <input type="checkbox"/> Sedimento/solo <input type="checkbox"/> Arqueobotânico	<input type="checkbox"/> Zooarqueológico <input type="checkbox"/> Outros: _____	
4. Subcategoria:			
<input type="checkbox"/> Construção/arquitetónico <input type="checkbox"/> Insignias <input type="checkbox"/> Objetos cerimoniais <input type="checkbox"/> Transporte <input type="checkbox"/> Objetos pessoais <input type="checkbox"/> Castigo/penitência <input type="checkbox"/> Medição/registo/observação/processamento	<input type="checkbox"/> Embalagens/recipientes <input type="checkbox"/> Amostras/fragmentos <input checked="" type="checkbox"/> Alimentação <input type="checkbox"/> Medicinal <input type="checkbox"/> Pintura <input type="checkbox"/> Escultura <input type="checkbox"/> Indeterminado <input type="checkbox"/> Outros: _____		
5. o Materiais:			
<input type="checkbox"/> Borracha <input type="checkbox"/> o Carvão <input checked="" type="checkbox"/> Ceorâmica <input type="checkbox"/> Faiança <input checked="" type="checkbox"/> Porcelana <input type="checkbox"/> Couro	<input type="checkbox"/> Fóssil <input type="checkbox"/> Lítico <input type="checkbox"/> Madeira <input type="checkbox"/> Malacológico <input type="checkbox"/> Metal	<input type="checkbox"/> Osso <input type="checkbox"/> Papel <input type="checkbox"/> Sedimento <input type="checkbox"/> Plástico <input type="checkbox"/> Têxtil	<input type="checkbox"/> Flora <input type="checkbox"/> Fauna <input type="checkbox"/> Vidro <input type="checkbox"/> Indeterminado <input checked="" type="checkbox"/> Outros: Grés
6. oCor:			
<input checked="" type="checkbox"/> o Monocromático <input type="checkbox"/> Policromático	<input type="checkbox"/> Indeterminado <input type="checkbox"/> Outros: _____		
7. Técnica de Produção:			
<input type="checkbox"/> Lascado <input type="checkbox"/> Picotoeado <input type="checkbox"/> Polido <input type="checkbox"/> Modelado	<input type="checkbox"/> Perfurado <input type="checkbox"/> Roletado <input type="checkbox"/> Torneado <input type="checkbox"/> Moldado	<input type="checkbox"/> Taxidermizado <input type="checkbox"/> Tecido <input type="checkbox"/> Assoprado <input type="checkbox"/> Fundido	<input type="checkbox"/> Forjado <input type="checkbox"/> Indeterminado <input checked="" type="checkbox"/> Outros: Industrial ou Artesanal
8. Decoração:			
<input type="checkbox"/> Alisado <input type="checkbox"/> Brunido <input type="checkbox"/> Corrugado <input type="checkbox"/> Escovado	<input type="checkbox"/> Ungulado <input type="checkbox"/> Incisão <input type="checkbox"/> Impressão <input type="checkbox"/> Plástica	<input type="checkbox"/> Pintado <input type="checkbox"/> Punção <input type="checkbox"/> Aplique <input type="checkbox"/> Enqoabe	<input type="checkbox"/> Estêncil <input type="checkbox"/> Entalhe <input type="checkbox"/> Não se aplica <input checked="" type="checkbox"/> Outros: _____
9. Integridade			
<input checked="" type="checkbox"/> Íntegro	<input type="checkbox"/> Fragmentado	<input type="checkbox"/> Reconstituído	
10. Estado de conservação (condições físicas, grau de deterioração e a necessidade de intervenção): <input checked="" type="checkbox"/> Bom (sem deterioração) <input type="checkbox"/> Regular (não compromete o todo. Ex.: fissuras, esmaecimento, afloramento de sais, esfarelamento etc.) <input type="checkbox"/> Ruim (compromete o todo. Ex.: quebradiço, com manchas, alto grau de corrosão) <input type="checkbox"/> Péssimo (perdas irreversíveis) Descrição:			
11. Intervenções sofridas:			
<input type="checkbox"/> Higienização a seco <input checked="" type="checkbox"/> Higienização com água <input type="checkbox"/> Colagem/refixação <input type="checkbox"/> Restauração/reconstituição	<input type="checkbox"/> Dessalinização <input type="checkbox"/> Remoção <input type="checkbox"/> Consolidação	<input type="checkbox"/> Estabilização <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/> Não se aplica	
Descrição: _____			
12. Recomendações de conservação:			
13. Invólucro/acondicionamento			
<input checked="" type="checkbox"/> Saco Plástico (Polietileno ou poliéster) <input type="checkbox"/> Tecido não tecido de polipropileno (TNT) <input type="checkbox"/> Não tecido de polietileno de alta densidade (Tyvek) <input checked="" type="checkbox"/> Plástico Bolha <input type="checkbox"/> Papel	<input type="checkbox"/> Papel livre de ácido ou ph neutro <input type="checkbox"/> Espuma de polietileno <input type="checkbox"/> Manta acrílica <input type="checkbox"/> Não possui <input type="checkbox"/> Outros: _____		
14. Armazenamento			
<input type="checkbox"/> Caixa de papelão <input type="checkbox"/> Caixa de papelão livre de ácido ou ph neutro <input checked="" type="checkbox"/> Caixa de polipropileno colorida (polionda) <input type="checkbox"/> Caixa de polipropileno sem coloração (polionda)	<input type="checkbox"/> Não possui <input type="checkbox"/> Outros: _____		
15. Inscrições e marcas de uso: (WINAND FOCKINK) AMSTERDAM			

<p>16. Filiação cultural: (WINAND FOCKINK) Amsterdam- Holanda</p>
<p>17. Medidas(largura, comprimento, altura, diâmetro, profundidade): Altura:29,0 cm - largura: 10,0 cm – espessura: 0,5cm</p>
<p>18. Peso:</p>
<p>19. Fotografias coloridas e com escala:</p> 
<p>20. Observações Gerais: Garrafa de grés de fabricação holandesa com inscrição no bojo, pela inteira, e de cor marrom.</p>

Quadro 3 - Ficha de cadastro de bens arqueológicos - IPHAN.

Durante e posteriormente às análises físicas e morfológicas dos artefatos, ocorreu um levantamento bibliográfico em busca de outras pesquisas que aconteceram na mesma perspectiva, em solo manauense e em outras cidades brasileiras além de um embasamento teórico pertinente com o tema que se pudesse utilizar na pesquisa.

No entanto, procurou-se trabalhar a partir das fontes, sem tentar seguir uma linha teórica propriamente dita. Apesar de estarmos explícita e implicitamente relacionados e amparados pela História Cultural e pela Nova História.

Para tanto, entendeu-se as fontes materiais como documentos que apresentam informações sobre determinada sociedade e cultura, e buscou-se fazer leituras destes artefatos, procurando entender esses códigos de maneira que pudesse relacionar com os períodos e conjunturas históricas em que estavam inseridos no momento de sua trajetória de vida útil (produção consumo e descarte).

Partiu-se então de onde havia sido finalizado, pois apesar do acesso aos relatórios no IPHAN/AM, só me foi possível trabalhar o contexto geral em que os objetos estavam depositados e foram coletados, quando se deu continuidade às análises que ainda não estavam completas, análises estas feitas em laboratório.

3.2 Os sítios e artefatos arqueológicos da área do igarapé do São Raimundo.

3.2.1 O sítio arqueológico Igarapé Belchior

O sítio arqueológico Igarapé Belchior foi o primeiro sítio a ser estudado dentro do PROSAMIM III, no período de novembro de 2012. Sua ADA (Área Diretamente Afetada), que corresponde à distância de até 50 metros no entorno, é delimitada pelos terrenos marginais do Igarapé do São Raimundo situado entre a Av. Kako Caminha - final da Av. Álvaro Maia, até a foz do Igarapé de São Raimundo no sentido norte-sul, e as Avenidas Constantino Nery (leste) e Presidente Vargas na orla do rio Negro (Oeste).

No caso do Igarapé Belchior, a ADA corresponde ao trecho da jusante em uma área de 6.800 m. O grau de importância dessa área é alto, posto que o processo de ocupação e reocupação é de período histórico, segundo o que mostrou a cultura material coletada no local, além do processo típico da arqueologia, foi feito também o levantamento oral com os moradores da área focal, esse levantamento possibilitou um melhor entendimento sobre a área estudada na perspectiva sociocultural, histórico-cultural e no campo da memória, pois segundo o relatório parcial (2015),

No mais, esta panorâmica serve para comprovar a existência de um sítio arqueológico urbano naquela área do Igarapé Belchior, bem como o quantitativo parcial já inventariado do material cultural coletado. A análise mais acurada do mesmo só será possível após o término da obra e consequente reabertura do Palacete e do Laboratório (Relatório parcial 2015).

Fato este que não foi possível de acontecer, pois a equipe atuante até aquele momento não pôde desenvolver, ou melhor, dar continuidade ao trabalho, pelo rompimento com os órgãos estatais, pelo que consta no OFÍCIO N° 853/2015-GS-SRMM, enviado ao IPHAN-AM, pela Secretária de Estado da Secretaria de Estado de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Manaus,

que informa sobre a retirada do endosso financeiro do projeto de arqueologia do PROSAMIM III.

Contudo, foi possível de se ter noção da quantidade de material coletado, identificando uma intensa produção de cultura material nos dados apresentados a seguir. Esse local está diretamente associado a um aterro de período histórico, o que se percebe pelo tipo de material coletado (louças, telhas, grés, etc.) e pela profundidade que a unidade de escavação atingiu, visto que ainda faltavam pelo menos 8 m de profundidade para que chegasse à matriz do solo que seria a área do igarapé Belchior, além de ser altamente compactado, com maior número de fragmentos encontrados, como telhas, tijolos maciços, manilhas (tubulações de argila), além de ferros e vidros e todo material coletado em superfície.

Sobre essa unidade de escavação, de onde foram retirados os fragmentos, telhas e todo o restante de material feito de argila, e sobre uma possível origem desse material, temos a descrição do “RELATÓRIO FINAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO BELCHIOR N° 201/2013/IPHAN/AM”:

A unidade de escavação com controle estratigráfico foi estabelecida com a medida de 2x2m, tendo níveis artificiais de 10cm. O material proveniente dos níveis artificiais foi registrado em imagens e coletado em sacos de pano conforme suas particularidades, tanto de forma geral ou como amostras particulares, tais como: material frágil (vidro e material malacológico), amostra de argila (Tabatinga) e material histórico (tijolo e telha). Cada nível artificial da unidade de controle estratigráfico recebeu uma ficha de nível específico, para melhor descrição de todo o material evidenciado. Todo esse procedimento visou garantir a integridade do material que segue diariamente para o laboratório, sendo analisado no momento posterior ao campo. Importante, ainda, salientar que a unidade foi aberta em uma área pontual, com as coordenadas geográficas 03°07'33,8" S e 60°01'50,9" W, de todo o local que está sendo impactado. A proposta que norteou essa prospecção de subsuperfície, foi a de identificar a densidade de material arqueológico pré-colonial, histórico e contemporâneo, utilizados em diferentes momentos para aterrar o Igarapé Belchior. Uma das expectativas, conseqüentemente, foi a identificação do leito original do igarapé,

bem como, a provável origem do material utilizado no aterro. Assim, foi possível, por exemplo, comprovar a existência da(s) olaria(s) outrora existente no local: as primeiras, a Fábrica Cachetas – adquirida por Manoel Grilo, e a Fábrica Grillo, de José S. Grillo. (RELATÓRIO 2013)

Nesse contexto, entende-se que a região, em um período que ainda precisa ser compreendido, possuía fábricas de utensílios para construção civil, fazendo surgir novas perguntas: em que período e em qual conjectura histórica surgem essas construções fabris? Qual seu período de duração efetiva? E qual seria o processo que levou ao fim das mesmas? Quem eram os sujeitos envolvidos? Qual sua localização exata e o alcance de seus produtos?

Assim sendo, tenta-se, a partir de uma análise sincrônica da forma de como esses artefatos foram depositados no sítio arqueológico, entender as relações sociais envolvidas no processo de produção e descarte dessa cultura material, que vai do uso próprio para o qual esse objeto foi produzido, até o reuso para outros fins, que no caso foi o aterro de um braço, ampliando assim as relações, as teias que formam essa sociedade, chegando até o presente como fonte de informação, logo que aterraram uma área, no caso um braço de Igarapé, ou até mesmo ele inteiro.

O que se sabe é que esse tipo de atividade se iniciou em Manaus no Governo de Eduardo Ribeiro (1890-1896), que, entre outros, aterrou o Igarapé do Espírito Santo, hoje a atual Avenida Eduardo Ribeiro, localizada no coração do centro histórico de Manaus. Nesse respaldo, vários Igarapés foram aterrados, logo, é preciso ainda muita cautela para continuar a ideia de que esse material foi utilizado nesse aterro no período posterior, durante ou posteriormente à existência das fábricas. Muito embora os depósitos ou sítios arqueológicos históricos sejam aterros de lixões (não vale a mesma concepção para aterros de leitos de rios), outra área aterrada já no século XX, é a parte que liga o São Raimundo ao bairro da Glória, indicando que o Igarapé das Cacimbas (que é um braço do Igarapé do São Raimundo, margem direita) desaguava no Rio Negro, o que transformava o bairro do São Raimundo em uma pequena ilha, bem maior que a ilha de São Vicente, hoje também aterrada.

Logo abaixo, é possível ser visto no monitoramento arqueológico, além de escavação em sua “evolução”, à medida que ia sendo escavada, além dos problemas surgidos devido à grande profundidade, fato que evidenciou a

necessidade de serem colocadas, pelo técnico de segurança da empreiteira, tábuas de proteção, pois o terreno começava a tremer pelo fato de várias máquinas estarem trabalhando simultaneamente, trazendo grande risco de soterrar a equipe que escavava.

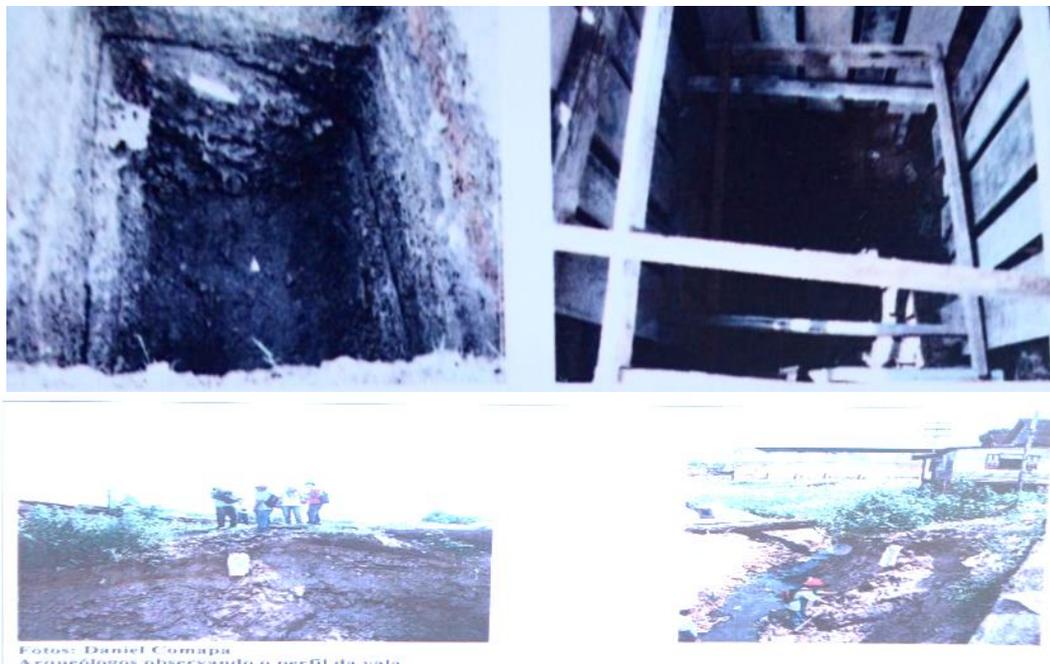


Figura 3 - Retirada do relatório fina: De cima para baixo da esquerda para direita; Unidade escavação, unidade com as proteções, idem, poço teste no fim da unidade, equipe analisando o perfil da periferia do sítio já evidenciado o leito do igarapé pelas máquinas.

Uma questão que foi observada nesta pesquisa, e não podia deixar de ser problematizada, diz respeito ao perfil estratigráfico desse sítio especificamente. Como já citei anteriormente, esta área foi identificada como sendo área de aterro, logo a sua profundidade, que chegou a 4 metros, em um terreno extremamente compactado, apresentou algumas peculiaridades, pois se observou, por exemplo, que as camadas mais próximas do leito do rio, ou seja, a última camada, são as mais densas e apresentaram fragmentos de tijolos, argamassas de cor e texturas distintas, chegando a mais de 3 m de profundidade, sendo extremamente compactada.

Foram observadas 8 camadas, de diferentes proporções e texturas, sendo que a camada mais superficial, ou seja, a camada I, apresentou tipo de solo arenoso medindo 20 cm de espessura, com presença de gramíneas.

A camada II apresentou textura mais argilosa, de cor avermelhada, resultado já da mistura com os fragmentos de artefatos cerâmicos, chegando a

15 cm de espessura.

A camada III apresenta uma coloração mais escura, tendendo para o cinza, com textura argilo-arenosa já sendo mesclada, chegando a 10 cm e apresentando pequenos fragmentos de laterita.

A camada IV apresenta coloração marrom, textura areno-argilosa, chegando a 15 cm. A camada V apresenta coloração preta, medindo 10 cm de espessura, com muito carvão vegetal, textura areno-argilosa, com pequenos fragmentos de argila.

A camada VI apresenta cor acinzentada e fragmentos de carvão, chegando a 15 cm de espessura.

A camada VII, uma pequena lente de cor preta com carvão vegetal medindo 3 cm.

A camada VIII apresenta fragmentos de argamassa endurecida, fragmentos de tijolos e telhas, e objetos de argila, com 3,12 m de espessura.

A questão que surge, olhando esse perfil, é justamente sobre as camadas do meio, mas principalmente as camadas VII, VI e V: a mudança na cor e na textura indica que houve um processo de sobreposição de camadas que não foi resultado de aterro artificial, pelas especificidades, o que é possível interpretar como sedimentação natural devido aos fenômenos sazonais que ocorrem na Amazônia, trazendo as épocas de cheia e de vazante das águas, dos rios e igarapés.

No entanto, essa sedimentação natural é possível de se ver nas camadas I, III, IV e VI, que apresentam mais areia trazida pelas correntes, inundando a cada ano novas áreas, o que poderia explicar os aterros apresentados que surgem posteriormente à camada VIII e é reforçado mais tarde por causa dos níveis da água, na camada II. Contudo, os níveis de carvão encontrados nas camadas V e VII atentam para o uso de processos antrópicos, sendo possível que, por causa das enchentes que se sobrepuseram ao nível do aterro, tenham ocorrido novos aterros, logo, fica ainda a questão das lentes de carvão, estariam elas associadas às inúmeras roças que havia na região?

Tendo em vista todas essas perspectivas, uma terceira possibilidade de análise está relacionada à modificação da paisagem, pois essa transformação tem um contexto histórico que está relacionado à dominância do homem sobre a natureza. Essa domesticação do ambiente está diretamente associada ao domínio da máquina sobre o orgânico, em um pensamento positivista do final do

século XIX, claro que o Homo sapiens já vem transformando o seu ambiente há milhares de anos, desde a revolução cognitiva, passando pela revolução do neolítico, com o surgimento das primeiras cidades, assentamentos e domesticações de plantas e animais, o que revolucionou fazendo surgir a agricultura e a pecuária.

A paisagem urbana não pára de ser modificada, e está em transformação, o que pode causar conflitos de interesses mútuos, a exemplo dessa área estudada em que, apesar da retirada das famílias que moravam nas palafitas localizadas dentro do igarapé, não concluiu o que pretendia, porque não retiraram alguns moradores mais antigos, incluindo a serraria Matias, na qual o dono, de mesmo nome, mora há 90 anos (até à época da pesquisa).

Os materiais coletados nesse sítio foram: pregos, tijolo e bolotas de argila, telhas e fragmentos de telhas e manilhas das fábricas extintas que existiram na região, como as Olarias Cachetas, Manaós e Grilo, louças, garrafas de vidro e de grés, e muitas outras, totalizando centenas de fragmentos. Toda essa descrição é demonstrada na imagem abaixo.

Perfil da Unidade de Controle Estratigráfico do Sítio Arqueológico do Igarapé Belchior na Bacia do São Raimundo/PROSAMIM - III

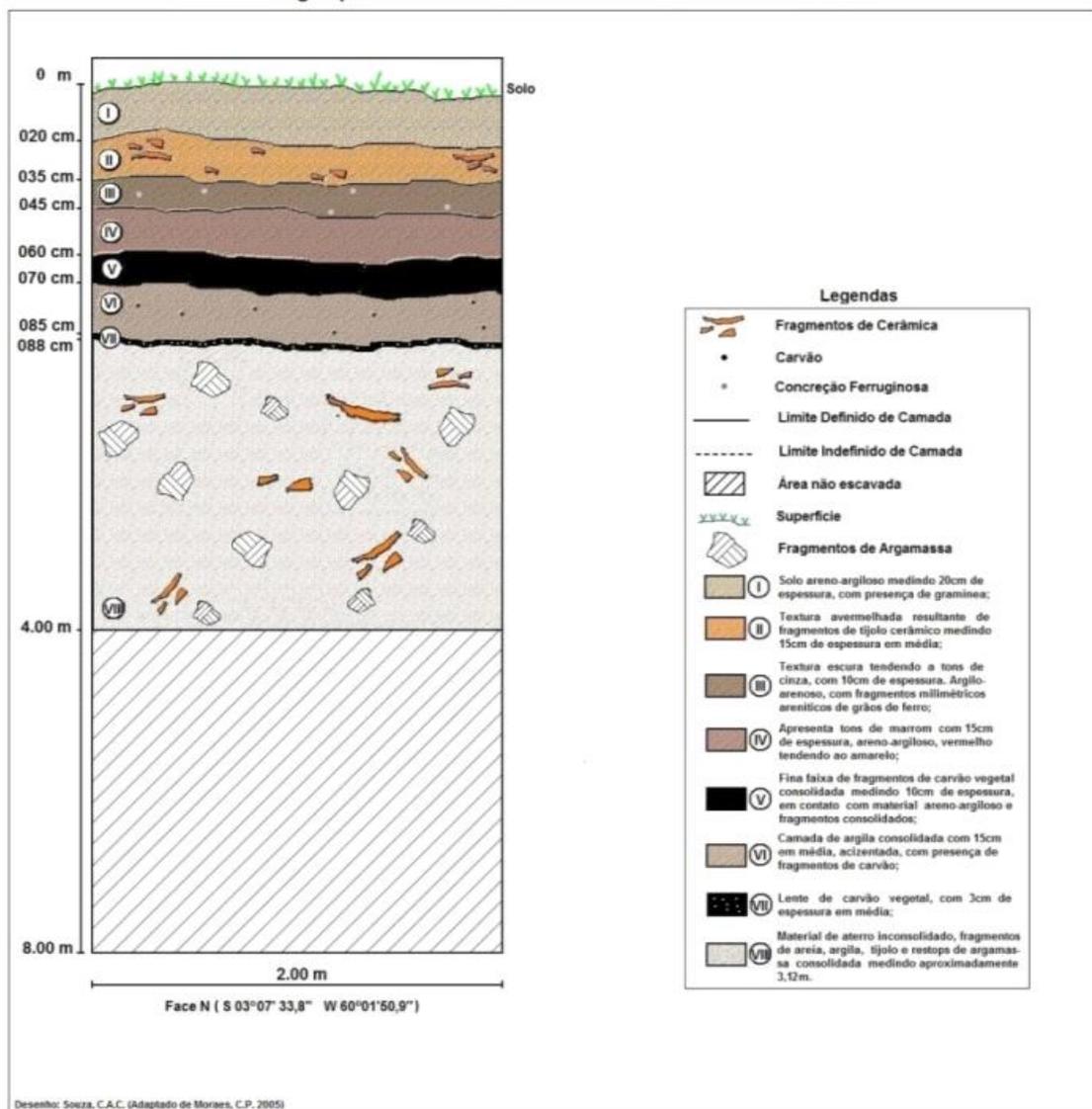


Figura 4 - Perfil estratigráfico da unidade de escavação (Retirado do Relatório final).

3.3 Sítio arqueológico Margem direita

Este sítio está localizado na foz do igarapé do São Raimundo com o Rio Negro, em sua margem direita, a área focal abrange a ADA (Área Diretamente afetada) e a AID (Área de Influência Direta). A ADA neste local vai desde a Ponte Fábio Lucena até a Torre de Transmissão da Companhia Elétrica do Estado do Amazonas, enquanto a AID abrange toda a área de delimitação da Área do Sítio Arqueológico sujeita às intervenções da obra e da arqueologia, e está assim delimitada: ao Norte, com a Rua 5 de Setembro; ao Sul, com o rio Negro; a Leste, com o igarapé de São Raimundo; e a Oeste, com a Praça Ismael Benigno. No caminhamento sobre o local, identificou-se vários vestígios materiais.

Quadro de prospecção de superfície

2 Fragmentos de resina
1 Bola de sinuca de polímero orgânico termo ativado
Ferro/Metal entre Cachimbo de fogão, prego de viga, etc.
65 Pisos/Azulejos
10 Louças
45 Tijolos sem furos
17 Vidros, 23 Moedas
2 Discos de Vinil - Carlos Santos e Alípio Martins
1 Plástico
30 Telhas (frag.)
9 Cerâmicas
37 Bolinhas de Gude
20 Lítico
1 Chave de Fenda
1 Prato de Esmalte
1 Câmera Fotográfica
1 Relógio
1 fragmento de filtro de água
Totalizando: 254 objetos.

Quadro 4 - Artefatos coletados na prospecção de superfície (caminhamento).

Quadro de Nível de profundidade

Nível	Descrição
Nível 0-10	Não foi nada coletado
Nível 10-20	Foram coletados: 1 Louça, 1 Bolinha de gude decorada na cor verde, 1 Metal (triângulo), 1 garrafa de Vidro de colônia, 1 Caneca branca de plástico (Rumi Peru).
Nível 20-40	Foram coletados; 1 azulejo decorado, 5 pregos, 1 ampola de vidros, 1 câmera fotográfica Yashica.
Nível 30-40	Moeda de 50 centavos (1967), 1 bibelô (estatueta) de porcelana, 1 fragmento de piso.

Nível 40-50	Coletou-se 1 garrafa de vidro marrom (grés?), 1 maçaneta (metal) de porta, 1 recipiente pequeno de vidro, um piso?
Nível 50-60	Foram coletados; 1 Vidro Recipiente pequeno (remédio?), 1 pino de ferro, 1 piso (?).
Nível 60-70	Não foi identificado material cultural, o que se chama de camada estéreo.
Total	9 Objetos

Quadro 5 - Nível de artefatos coletados na unidade de escavação.

Essa escavação não ultrapassou 70 centímetros de profundidade, e foi feita em área sazonal na foz do igarapé do são Raimundo no que, segundo SOUZA (2015):

“...Independente de qualquer adversidade enfrentada, seriam realizadas pelo menos uma linha de sondagens do tipo tradagem, bem como, pelo menos uma unidade com controle estratigráfico seria escavada ou pelo menos um poço-teste, com a finalidade de conhecer o tipo de solo local e a distribuição espacial da ocupação humana no local, assim como também, os padrões de assentamento e práticas culturais, a exemplo dos dados provenientes da análise do material cultural, que possibilita que se façam interferências sobre o sítio, seus habitantes e seu *modus vivendi*...” (Souza, 2015.)

Essas adversidades ocorreram principalmente da corrida para a execução do trabalho sempre “a mil”, no entanto, nem sempre as empresas respeitam o tempo da pesquisa e, muitas vezes, iniciam a obra antes de a equipe de arqueologia entrar em campo, descontextualizando a área. Por fim, todo o material coletado em prospecção de superfície, com os da escavação, totaliza 263 artefatos analisados e inventariados.

3.4 Sítio arqueológico Coronel Salgado

A área do Sítio Arqueológico Urbano “Orla ME - Ponte/Cel. Salgado”, AM-MA-117, é composta de cerca de 152,430 m² e se estende desde a Ponte Fábio Lucena até a Rua Coronel Salgado (que passa ao lado da Igreja e local da Feira), que tem seu início após a Rua Ramos Ferreira, é interrompida por construções

e área verde do Sítio Igarapé Belchior e pela Rua Leonardo Malcher, prossegue encontrando com o Beco Coronel Salgado e termina num campo de futebol. O beco Coronel Salgado, por sua vez, é interrompido por construções e ruas, prossegue pelo vizinho bairro da Glória e termina na Rua Oswaldo Cruz.

O Sítio ME - Ponte/Cel. Salgado (beco), inserido no bairro de Aparecida, com 66.85Km², tendo ao norte o bairro Presidente Vargas; ao sul, o bairro Centro; a leste, com a Rua Luiz Antony; e a oeste, o Igarapé de São Raimundo, conforme referido anteriormente o sítio, propriamente dito, encontra-se delimitado de acordo com os pontos extremos: ao Norte com a Quadra Bairro 2, ao Sul com Leonardo Malcher, a Sudoeste com a Ponte Fábio Lucena, a Oeste com o Igarapé de São Raimundo; a Leste, parte do Bairro Centro, na altura a Rua Luiz Antony. As escavações que se seguiram foram realizadas nos dois conjuntos de tanque do “Curtume do Braz”, onde se abriu uma unidade de escavação.

Quadro de Coleta de Superfície

Nº de Ordem	Evidência/Mat. Prima	Quantidade	Obs.
0001	Recipiente de Líquido/Vidro	16	Garrafas, Frascos pequenos.
0002	Moeda s/Metal	5	Moeda, Colher, Placa.
0003	Fragmento de Louça	8	Garrafas, Pratos, Xícara.
0004	Fragmento de Grés	1	Garrafa
0005	Piso	1	?
0006	Outros	2	Termômetro/Boneco de Plástica
0007	Lítico	1	
Total:		34	

Quadro 6 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado).

Quadro 5:

UE. Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado

Nº de Ordem	Evidência/Mat. Prima	Quantidade	Obs.
0001	Recipiente de Líquido/Vidro	10	10-20/40-50 cm
0003	Telha	1	80-90 cm
0004	Cerâmica	1	70-80 cm
Total:		12	

Quadro 7 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado).

**Quadro 6:
Conjunto de IV Tanques Tanque I**

N° de Ordem	Evidência/Matéria-Prima	Quantidade	Obs
0001	Recipiente de Líquido/Vidro	6	20-40/40-60/60-90cm
0002	Moeda s/Metal	3	40-60cm/60-90cm
0003	Fragmento de Louça	1	60-70cm
0004	Plástico	2	70-80
Total:		12	

Quadro 8 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado).

**Quadro 7:
Tanque II**

N° de Ordem	Evidência/Matéria-Prima	Quantidade	Obs
0001	Recipiente de Líquido/Vidro	7	0-20/20-40/40-60/60-90 cm.
0002	Moeda s/Metal	4	20-40/40-60 cm.
0003	Fragmento de Louça	1	20-40 cm.
0004	Plástico	1	20-40 cm.
Total:		13	

Quadro 9 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado)

**Quadro 8:
Tanque III**

N° de Ordem	Evidência/Matéria-Prima	Quantidade	Obs
0001	Recipiente de Líquido/Vidro	7	0-20/40-60 cm.
0003	Fragmento de Louça	16	0-20/40-60 cm.
0004	Plástico	4	30-40/40-60 cm
0005	Lítico	1	0-20 cm
0006	Cerâmica Contemporânea	19	20-40 cm
0007	Osso	1	60-90 cm
0008	Tijolo	1	60-90 cm
Total:		49	

Quadro 10 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado).

Tanque IV

N° de Ordem	Evidência/Matéria-Prima	Quantidade	Obs
0001	Recipiente de Líquido/Vidro	5	0-20/20-40/60-90 cm.
0002	Manilha	2	0-20/20-40 cm.
0003	Fragmento de Louça	4	0-20 cm.
0004	Cerâmica contemporânea	16	20-40/60-90 cm.
0004	Cerâmica contemporânea	16	20-40/60-90 cm.
0005	Plástico	3	40-60/60-90 cm.
0006	Metal/Moedas	9	40-60/60-90 cm.
0007	Piso	1	40-60 cm.

		40	
Total:			

Quadro 11 - Quadro 8 - (Baseado na tabela do relatório parcial Acervo do Sítio AM-MA-117/Coronel Salgado).

Na pesquisa de campo, foi possível relacionar a importância da memória para o entendimento daquilo que é possível ser resgatado durante o processo de pesquisa, pois segundo o relato, a moradora Dona Lêda lembrou que o local "era área de diversão, onde todos tomavam banho nos dias quentes da cidade". As áreas das casas que foram demolidas ainda estão vivas na mente dos moradores, como os dois terreiros de religiosidade afrodescendentes que ainda resistem.

Segundo o Relatório parcial (2015) da escavação arqueológica, percebeu-se que o local poderia ter sido uma lixeira, o que posteriormente foi confirmado com a ajuda de um morador;

[...] O local que hoje se apresenta com certa calma, no passado possuiu grande movimentação tanto pelas vias como pelo igarapé nas idas e vindas dos barcos e pela quantidade de material coletado, de diversos períodos da história, como uma moeda da Inglaterra, coletada por um trabalhador da obra que não quis entregá-la à equipe de arqueologia e uma do Brasil de 1893. Atualmente com as obras do PROSAMIM III, podemos dizer que um pouco da história do local vem se perdendo no tempo, ficando apenas na lembrança dos mais antigos. Conforme pode ser confirmado nos relatos constantes do item Resgate da Memória Oral. Hoje a área vem passando por um novo processo de radical mudança que vai gerar um novo ambiente urbano, sendo a partir disso a formação de uma nova relação entre morador e seu espaço, podendo ser de aceitação ou repulsa" (Relatório parcial 2015)

Todo material coletado nesse sítio soma a quantidade de 139 fragmentos de artefatos diversos, sem considerar os que não foram contemplados.

3.5 Sítio arqueológico Quadra Bairro 06

Uma das primeiras ações realizadas, conforme referido anteriormente, foi a do caminhamento em trechos possíveis, para o reconhecimento da área deste sítio arqueológico, isto porque, além de uma grande parte estar alagada, as escavadeiras encontravam-se em plena atividade, dessa forma, quando da abertura do Poço Teste⁷, a estratigrafia identificada é a constante do quadro 11, a seguir.

Nº de Ordem	Evidência/Matéria-Prima	Quantidade	Obs
0001	Recipiente de Líquido/Vidro	2	Superfície, Garrafa de cerveja e conhaque marrom, superfície.
0002	Moedas e metal	9	Superfície
0003	Peças de instalação elétrica/louças	2	0-20 cm
0004	Azulejo louça	6	20-40 cm
0005	Grés	1	20-40 cm
0006	Cerâmica contemporânea	1	20-40 cm
0007	Manilhas /cerâmicas	3	1 inteira,2 quebradas reveladas pela escavadeira
0008	Manilha/Amianto	1	Quebrada revelada pela escavadeira
Total:		57	

Quadro 12 - Acervo do Sítio Arqueológico Quadra Bairro 06, AM-MA-118.

⁷ Área delimitada para realização de sondagem em subsuperfície, geralmente utiliza-se cavadeiras manuais para sua execução.



Figura 5 – À esquerda , Manilhas de argila cortadas no PROAMIM III e à direita Arqueologo explicando sobre a exposição

É importante frisar que a pesquisa de campo ocorreu no local de onde foram retirados os dados das tabelas que apresento aqui, foram realizados com a dedicação devida e também superando todas as dificuldades impostas que se sobrepuseram a ela.

Sobre as manilhas, estas são tubulações feitas de argila. Eram de todos os tamanhos e seu uso diverso, antes de existirem tubos de plástico, PVC; apesar de já haver tubulações de ferro, essas tubulações eram muito usadas, fato que é comprovado por todas as construções de períodos históricos, com pelo menos mais de 60 anos, em que esse tipo de material é encontrado.

Essas tubulações, de tão satisfatórias, não pararam de ser produzidas e ainda encontram-se no mercado, mas de certa forma a população em geral não dá a devida credibilidade, preferindo os derivados de petróleo, que duram em média 30 anos enquanto que as tubulações de manilhas tem durado mais de 1000 anos em média, podendo chegar a bem mais tempo de vida útil. Claro que, há 100 anos, não havia outras alternativas para tubulares como em épocas atuais, levando em conta a própria Segunda Revolução Industrial e a disseminação desses derivados, influenciando a construção civil num período de transformações no mundo e na engenharia.

As manilhas de cerâmicas são de vários tamanhos e utilidades, que vão de 50 cm a 2m de altura, com um diâmetro de 10 cm a 50 cm com espessura de 1,0 cm a 5,0 cm. As cores variam de marrom escuro, alaranjado e amarelo dependendo do tempero e do tipo de queima.

Nessa etapa, foi feita uma análise dos relatórios, posto que o material trabalhado já estava inventariado. No entanto, para que se completassem as análises, foram necessárias outras apurações mais precisas sobre esses dados para uma melhor interpretação dos objetos e, para além disso, havia muito material cultural a ser analisado. É nessa perspectiva que segui com a pesquisa, ou seja, verificar todo acervo que ainda pôde ser trabalhado.

Portanto, os artefatos dos sítios a seguir foram analisados posteriormente, pois não tinham sido tratados no laboratório ainda.

3.6 Sítio Arqueológico Urbano Vila de São Francisco

O Sítio arqueológico urbano Vila de São Francisco está localizado à margem direita do Igarapé do São Raimundo, localizado em um quintal dentro da ADA da pesquisa. A relevância deste é alta, e continua sendo, pois não foi diretamente afetado pelo PROSAMIM III, continuando do mesmo modo como o encontramos, apesar da interferência da arqueologia que tem seu método destrutivo, ainda que apresente método.

Nesse sítio, foram feitas sondagens e coletas de artefatos muito distintos e encontrados em diferentes camadas.

Nº de Ordem	Evidência/Matéria-Prima	Quantidade	Obs.
0001	Recipiente de Líquido/Vidro	-	Garrafas, Frascos pequenos.
0002	Moeda s/Metal	-	Moeda, Colher, Placa.
0003	Fragmento de Louça	18	Garrafas, Pratos, Xícara.
0004	Fragmento de Grés	1	Garrafa
0005	Piso	-	?
0006	Outros	-	Plástica
0007		-	
Total:		19	

Quadro 13 - Quantitativo do material coletado no Sítio Vila de São Francisco.

Apesar de ser uma coleção predominantemente de artefatos históricos, houve nesse sítio a presença de artefatos pré-coloniais – ao todo 6 fragmentos de cerâmica arqueológica –, que causou um grande impacto, não por elas

existirem, mas pelo fato de que aquela região já sofreu muitas interferências, e não havia mais indícios de artefatos de período pré-colonial no local.

Os relatos etno-históricos nos revelam a intensidade da presença humana de povos autóctones na região de Manaus, assim como a arqueologia, e é por essa última que nos foi possível encontrar tais evidências (documentos) desse período anterior ao adensamento demográfico das orlas do Igarapé do São Raimundo especificamente.

Esses fragmentos, apesar de poucos, nos permitem levantar algumas questões sobre a ocupação humana nessa região, ou pelo menos que houve de fato essa ocupação em períodos anteriores.

Os fragmentos de cerâmica arqueológica foram encontrados nas sondagens de terreno e em uma profundidade de 1 m e em camada de latossolo amarelo. Somam um total de seis fragmentos, com diâmetros que variam de 5 cm a 10 cm de comprimento por 3 cm a 10 cm de largura, com espessura que varia de 0,3 mm a 1 cm, apresenta um fragmento de borda não decorada com lábios simples, possivelmente de um vaso médio, coloração marrom e o tempero utilizado é cauxi e quartzo. Os outros cinco fragmentos são de bojo (parede) não decorada, apresentam em sua composição de antiplástico cauxi e quartzo de coloração marrom a amarela; essa cerâmica apresenta um estado de conservação muito degradado, indicando serem muito antigas.

Não se pode saber a idade aproximada desses fragmentos, pois não foi feita datação absoluta por métodos físico-químicos, e pressupõe-se por datação relativa serem pré-coloniais, baseado não em uma relação direta com alguma fase ou tradição arqueológica amazônica, pois não havia artefatos guia para tal comparação, mas suas características físicas de matéria-prima são semelhantes ao contexto regional de um modo geral.

Um fator importante é que esse material encontrado está a mais ou menos 1 quilômetro em direção leste do sítio arqueológico de Manaus, localizado no Paço da Liberdade, bem no coração do Centro Histórico de Manaus, mais precisamente em seu local de origem, onde foram identificadas diversas urnas funerárias e os fragmentos de outros artefatos cerâmicos, além de material de período histórico.

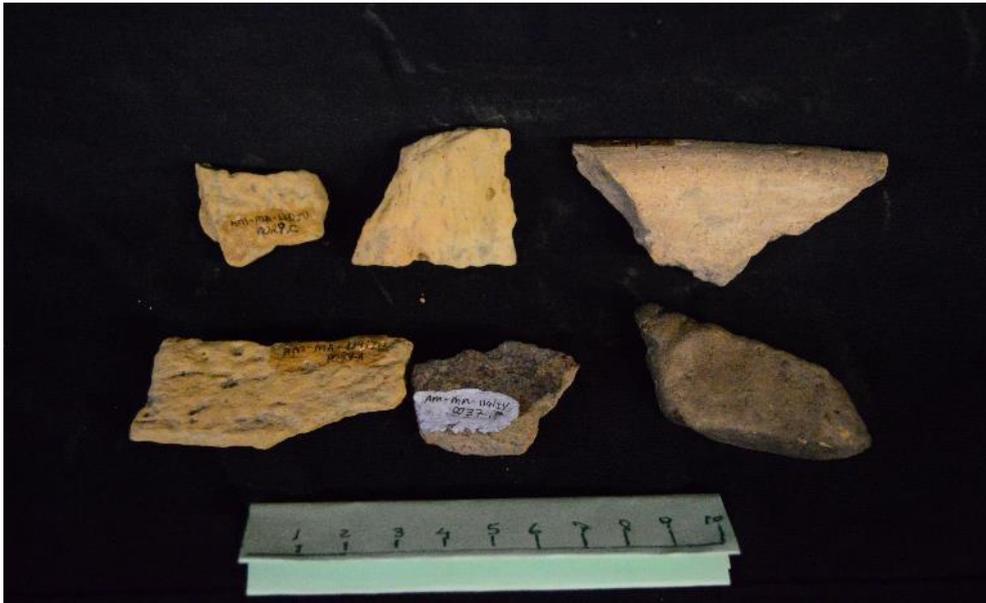


Figura 6 – Fragmentos de cerâmica pré-colonial do sítio Vá de São Fran

Um outro tipo de vestígio arqueológico, mas desta vez de contexto histórico, encontrados no Igarapé do São Raimundo, são os artefatos vítreos, inteiros ou fragmentados, que variam em sua utilidade, desde garrafas de recipiente líquido para bebidas até recipiente de perfumarias e remédios, com medidas que vão de 5 cm a 20 cm, com formatos diversos, além de técnicas diferenciadas de fabricação artesanal soprado à produção industrial. Esses artefatos, em sua maioria garrafas, indicam um vasto consumo, além de um intrincado comércio desses produtos.



Figura 7 – Frascos de vidros de diferentes fabricações e períodos: da esquerda para direita , frasco de perfume, remédio e perfume



Figura 8 – Frascos de vidros de vidro artesanal para uso de bebidas



Figura 9 – Artefatos de louças coletados no Sítio Vila de São Francisco

Um outro tipo de vestígio arqueológico de contexto histórico encontrado neste sítio são as louças, tanto de fabricação nacional quanto importada, que variam entre porcelanas inglesas, chinesas e nacionais, faianças portuguesas e brasileiras.

Esse tipo de artefato se multiplica de fato na Amazônia, no período final do século XIX e início do XX, com a expansão do capitalismo e com a abertura de portos, além da efervescente economia do látex, que atraiu para estas bandas muitos investidores estrangeiros, transformando, assim, o Porto de Lenha em porto flutuante de ferro inglês, movimentando uma economia atraente e competitiva.

Dentro desse cenário cosmopolita, a cidade sofre grandes intervenções e aparecem os produtos importados, tanto da Europa preferencialmente, quanto de outros estados brasileiros. Logo, são abertas lojas que apresentam esse “adorável” mundo novo de produtos diversos entre louças, bebidas, perfumarias e remédios.

No caso específico das louças, que são canecas, xícaras, pratos, pires e bules, os consumidores desses produtos raramente os descartavam, a não ser quando de fato quebravam. Nesse sentido, esses restos materiais eram enterrados em quintais ou levados a algum local para serem depositados, e é geralmente nesses contextos de enterramento dos fragmentos que são

identificados os sítios arqueológicos históricos nos centros urbanos, fato este que se verifica no sítio Vila de São Francisco, pois esse material estava desde a superfície até 60 cm de profundidade em uma área de montículo abaixo de uma casa de madeira tipo palafita (abandonada) com pernas altas de 2 metros, fato que não interferiu muito no solo, mantendo-o por décadas do mesmo jeito em que houve esse processo de deposição desse material.

Outros tipos de objetos encontrados em superfície, neste sítio, foram classificados como *outros* justamente por terem uma única peça e, exceto pela telha, são bem contemporâneos, uma colher com sinais de uso da marca Tramontina, uma bolinha de gude (peteca) e uma telha de argila sem inscrição.



Figura 10 – Outros tipos de material telha e piso

Esse material indica que o terreno continuou a ser utilizado como local de depósito, mas não como em períodos anteriores, em que é percebida uma certa intenção do descarte, fato esse que não é verificado com esses outros materiais, até mesmo pela quantidade encontrada, parecendo algo não tão intencional.

No entanto, voltando a profundidades maiores entre a louça e o material pré-colonial, a 70 cm de profundidade, foram resgatados dois artefatos, um inteiro e outro fragmentado de um tipo específico de garrafa, a de grés.



Figura 11– Detalhe de garrafa de Grés, coletada no Sítio Vila de São Francisco

A exportação das garrafas de grés, contendo principalmente Gin, era intensa até os primeiros anos do século XX, e o Brasil não estava fora desse contexto, tanto que há evidências que, em São Paulo, essas garrafas eram reaproveitadas com bebidas de produção local (SOUZA 2013).

O grés é um produto cerâmico de alta qualidade, um tipo de argila com produção no norte e centro europeu desde a segunda metade do século XVI, tendo como os mais importantes centros de exportação Holanda, Inglaterra e mesmo Portugal (SOUZA 2013).

Esse tipo de garrafa é encontrado também em toda América. Na Amazônia,

é possível que alguém tenha resgatado da beira de algum igarapé ou Rio, ou mesmo um terreno baldio de um centro histórico, como a cidade de Manaus por exemplo.

Referente a cidade de Manaus, em seu centro histórico, foram identificadas centenas de garrafas de vidro e grés, fragmentadas e algumas poucas inteiras. Aqui é apresentada descrição qualitativa de uma garrafa de grés coletada durante as escavações do Projeto de arqueologia urbana, desenvolvido durante as obras do Projeto de Saneamento dos Igarapés de Manaus etapa III (PROSAMIM III), ocorridas em 2013 na cidade de Manaus, durante as escavações do sítio arqueológico Vila de São Francisco, localizado no bairro de São Raimundo, zona Centro-Oeste de Manaus, às margens do Igarapé de mesmo nome: a garrafa de Grés WYNAND FOCKINK AMSTERDAM.

Partiu-se então para a iconografia da garrafa de grés Winand Fockink, que recebeu análise no laboratório de arqueologia Alfredo Mendonça de Souza, sendo aberto um inventário patrimonial onde o artefato recebeu a numeração 0021, levando em conta medidas, morfologia, tipologia, matéria prima, uso e descarte.

O objeto é um recipiente líquido, feito de argila específica, com medidas de 29 cm de altura por 10 cm de largura e 0,5 cm de espessura, apresenta forma redonda em seu ombro, coloração marrom ou opaca (mais tradicional), inscrição no seu bojo e é de fabricação holandesa.

Este tipo de cerâmica recebe altas temperaturas em sua queima, que varia entre 1.150 °C a 1.300 °C, e sua pasta geralmente é acompanhada de impurezas como ferro ou carbono e alguns minerais – os que mais se destacam são quartzo, mica, caulinita e feldspato.



Figura 12 - Garrafa de Grés Coletada no Sítio Arqueológico Vila de São Francisco.

Por muito tempo, os historiadores fizeram uso da cultura material apenas como apoio aos textos escritos, não lhe dando a devida importância. Marcelo Rede chama de divórcio antigo e difícil de superar entre a história e a cultura material (REDE 2012). Mas, felizmente com a questão da interdisciplinaridade, alguns historiadores partiram para outros interesses e propuseram novas abordagens, tais como a história cultural, a nova história e a história da cultura material, que possibilitaram um outro diálogo com as fontes.

Pesquisadores como Panofsky encaminharam-se para o estudo da cultura material a partir das pinturas do período medieval europeu, o que ficou conhecido como iconologia,

que é o ramo da história da arte que trata de tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma. (PANOFSKY 2007:47).

Portanto, a meu ver, a técnica pode ser aplicada a esses recipientes líquidos, tal como o objeto aqui apresentado. Isto se torna mais claro em sua dimensão simbólica, levando-se em conta o fato de que, este tipo de artefato, é encontrado em quase todo o mundo ocidental. É uma mensagem clara de que ela é conhecida e de que a prática de tomar essa bebida estava difundida e alicerçada em meio às relações sociais. Logo, o estudo de artefatos como as de garrafas de grés WYNAND FOCKINK AMSTERDAM, nos possibilita o entendimento de modos de vida além de formas de produção de um período em plena expansão industrial. Esse tipo de objeto foi encontrados em toda América do Sul. Em Manaus, a cada movimentação de solo e subsolo, em seu centro histórico, é identificado material desse período histórico, que se entrelaça com o que foi chamado de *belle époque*, período esse de grandes importações e exportações.

Ulpiano de Meneses propõe uma abordagem de estudos da cultura visual, consolidando uma história visual, ou seja, o estudo das visualidades (MENESES 2003). De fato, a visualidade representaria bem a cultura material, sendo mais abrangente, em termos de interdisciplinaridade, a sua relação com a cultura.

Por fim, posso afirmar ter sido a interdisciplinaridade que me permitiu o uso do método da arqueologia na análise física do artefato. Porém, a relação social de que participa o artefato só foi exposta através da antropologia, da sociologia e, principalmente, da história.

3.7 Sítio Arqueológico Ponte velha

Entendendo as águas e as margens desse igarapé fantástico como um lugar de encontros e desencontros, procuro encontrar as teias de significados em que a cultura local se configura ou se configurou. Entendo que essas representações simbólicas podem surgir a partir das experiências; nota-se a resistência dos desvalidos, dos quase extintos, dos trabalhadores que foram pulverizados pelas mudanças ocorridas na sociedade, do impacto que o "progresso" trouxe, mudando suas vidas para sempre, pois, como se ouve dizer,

"sobrevive quem se adapta", ou pior, quem tem condições de se adaptar (!) nesse ou naquele caminho que as cidades da virada do século XIX para o século XX almejavam alcançar, participando do processo "evolutivo" que as transformaram, a exemplo de Manaus, de uma cidade ribeirinha a uma cidade de padrões europeus de ostentação e fachada.

Mas, ainda que uns não queiram, sempre houve resistência, assim sendo um dos sujeitos históricos que desapareceram das águas do São Raimundo foi sem dúvida o Catraieiro, este personagem que foi extinto pelo progresso e pelos projetos de expansão da cidade em seu ideário de construção de pontes.

O sítio histórico Ponte Velha está localizado na margem direita do igarapé do São Raimundo, logo abaixo da Ponte Fábio Lucena, que atualmente liga o bairro de São Raimundo ao bairro da Aparecida, no centro histórico de Manaus, e faz parte desse ideário. No entanto, por motivos desconhecidos, essa construção não se concluiu. Fato esse que possibilita diversas especulações sobre a mentalidade coletiva da comunidade local, a exemplo de um antigo morador que afirma que houve uma revolta dos catraieiros, quando estes se opuseram à tal construção, uma questão não confirmada por mais ninguém, mas que nos permite indagações sobre esse fato. Entretanto, este sítio revela algo ainda mais profundo, que está diretamente relacionado ao fim de um período econômico, pois uma das possíveis razões de sua inconclusão mantém relação com a escassez de recursos financeiros que se verificou quando do declínio econômico que Manaus atravessou com o fim das exportações de látex, fato este já muito estudado na historiografia amazônica.

Para fins desta pesquisa, os registros coletados *in situ* revelam que parte dessa estrutura, pelo lado oeste (bairro de São Raimundo) se encontra parcialmente embaixo e na lateral da ponte atual. A parte da estrutura que se apresenta como um muro de contenção e/ou fundação de uma construção não realizada e abandonada, provavelmente foi assentada sobre sapata, com alvenaria de pedra e argamassa, devidamente aprumada e nivelada. Não foi possível visualizar a parte inferior devido ao nível elevado do igarapé, além do lixo e casas flutuantes e barcos ancorados à estrutura, na lateral existe um arco romano, executado em cantaria, que sugere a possibilidade de uma construção de ponte ou parte de sistema de galerias para despejo de efluentes (esgotamento). Essas cantarias são do tipo de parede ou muro em pedras lavradas de forma geométrica, e por sofrer influências da sazonalidade do

igarapé, há muito material depositado ao pé dessa estrutura, havendo no local também a última serralheria, que funciona desde a década de 1970.

Segundo Duarte (2009), a primeira referência de que se tem notícia sobre a edificação de uma ponte nas imediações do local onde existe essa encontra-se na Mensagem Anual do superintendente municipal Adolpho Lisboa, de 15 de novembro de 1903. Esse documento sugere a construção da ponte próxima ao Matadouro Municipal.

Novamente, em 1912 e 1913, voltou-se a se falar na proposta, sendo que, na segunda data, com a aprovação da lei 716, de 02 de Maio de 1910, foi autorizada a construção de duas pontes de metal, uma ligando o bairro Remédios a Constantinópolis, e outra sobre o igarapé castelhana, atual São Raimundo. Outras tentativas surgiram em 1914, 1915, e 1934. Contudo, não foi finalizada por vários motivos, ambientais e econômicos, vindo a ser concluída apenas em 1986.

Não se conseguiu comprovar uma possível revolta dos catraieiros, que teria impedido a ponte de ser construída, mas, ainda que questões ambientais possam ter influenciado, encontra-se uma grande estrutura de base, o que me leva perguntar o que, depois de tanto investimento, levaria a abandonar a obra? Seria o fator ambiental, o econômico ou o antrópico? Seriam todos juntos? Nem uma das alternativas pôde ser comprovada, sendo o fator ambiental o mais provável, junto com o fator econômico para uma época que passava por sérios problemas. Isso, a despeito da memória de um fabricante de móveis, o Senhor Matias, de 90 anos, que na época da execução do PROSAMIM III afirmou ter havido, de fato, uma revolta dos catraieiros, nos anos 1930.





Figura 13 - De cima para baixo – As duas primeiras mostram a estrutura em perspectiva de cima da ponte atual – A terceira mostra a partir da outra margem em primeiro plano uma coluna do mesmo período e ao fundo a estrutura.

Dito isso, apresento alguns materiais coletados em superfície próxima ao seu redor.

Quadro de material coletado em superfície

Nº de Ordem	Evidência/Matéria-prima	Quantidade	Obs.
0001	Recipiente de Líquido/Vidro	4	Garrafas, frascos pequenos.
0002	Moeda s/Metal	-	Moeda, Colher, Placa.
0003	Louça	1	Garrafas, Pratos, Xícara.
0004	Fragmento de Grés	-	Garrafa
0005	Piso	2	?
0006	Outros	-	Termômetro/Boneco de Plástico
0007	Dentes de gado	16	Dentes de gado
Total:		23	

Quadro 14 - Material coletado em superfície



Figura 14 – Caneca de porcelana norueguesa coletada na ponte velha



Figura 15 - Fragmentos de piso coletados na ponte velha.



Figura 16 – Garrafas de remédio de fabricação artesanal coletadas no Sítio Ponte Velha

3.8 Sítio arqueológico histórico Curtume Carioca

Este sítio está localizado na margem direita do igarapé do São Raimundo, próximo ao antigo matadouro Municipal. No local, hoje, funciona uma retífica de motores, cujo dono atende por seu Nonato. A estrutura física do prédio foi em parte modificada, não permanecendo o espaço dentro do galpão, e fora ainda possuía algumas características da época em que funcionava um curtume e/ou casa de salga.

O material abaixo apresentado foi coletado nas sondagens executadas no quintal do prédio, que fica de frente para o igarapé. Objetos variados, incluindo material como dentes de gado, louças decoradas, frasco de remédio e metais (talheres). Sobre os dentes, apesar de não serem objetos manufaturados, sendo de fato objetos de estudos da zooarqueologia, matéria que nos permite analisar os restos faunísticos de um sítio arqueológico, estavam no contexto do sítio apresentado.

Havia no local muito mais dentes, no entanto, essa pequena amostra foi coletada, para propostas futuras, coincidentemente, ou não, elas acontecem neste momento. A importância dessas evidências é que não foram encontrados

dentes de gado em mais nenhum outro local da área abrangente do Igarapé do São Raimundo, mas somente no perímetro entre esse curtume até a sede da FUNASA (2023), onde anteriormente fora um matadouro Municipal, locais de intensa atividade de abate de gado durante esse período.



Figura 17 - Dentes de gado encontrados há mais de 60 cm de profundidade – abaixo detalhes de desgaste.

O Matadouro Municipal foi durante muito tempo uma das principais fontes de renda dessa região, atraindo muita gente para o local, formando inclusive novos locais de habitação, como no caso do bairro da Glória, anteriormente chamado de bairro dos Bucheiros, designação de uma atividade que estava diretamente relacionada com o estabelecimento, pois, as mulheres chamadas de “bucheiras” pegavam as vísceras no matadouro e vendiam em outros locais da cidade. No entanto, uma outra questão que é observada aqui, tem relação

com o descarte desse material, apesar de haver referências no Código de Postura Municipal de Manaus, século XIX (SAMPAIO 2016), sobre incineradores de ossos para produção de adubo. Esse mesmo código relata sobre a necessidade do enterramento de partes de gado em locais específicos. O que pode envolver dentes e pode explicar o fato desse material ter sido encontrado neste sítio e em profundidade. Outros vestígios materiais encontrados nas sondagens como mostram as figuras abaixo, exceto pelo garfo da Tramontina e os dois frascos de remédio subcutâneo contra sarampo, são de períodos mais antigos.



Figura 18 - Louças e frascos de remédio para sarampo.



Figura 19 - Louças e frascos de remédio para sarampo.



Figura 20 - Garfos de metal; de cima para baixo garfo de metal com marca de fábrica contemporânea – Garfo de metal com decoração período histórico.

Tabela de material coletado

Nº de Ordem	Evidência/Matéria-prima	Quantidade	Obs.
0001	Recipiente de Líquido/Vidro	2	Garrafas, frascos pequenos.
0002	Moeda s/Metal	2	Moeda, Colher, Placa.
0003	Fragmento de Louça	5	Garrafas, Pratos, Xícara.
0004	Fragmento de Grés	-	Garrafa
0005	Piso	-	?
0006	Outros	-	Termômetro/Boneco de Plástica
Total:		9	

Quadro 15 - Material coletado

04 Considerações finais

Para finalizar esse trabalho, proponho o entendimento da sociedade a partir dos objetos e dos artefatos encontrados, partindo de 3 períodos diferentes, descrevo-os e posteriormente determino um desses períodos para explicar possibilidades de explicar esta parte micro da sociedade da época. Logo, foi possível descrever a observação e avaliação dos objetos, e como eles podem dizer algo sobre a vida e os hábitos e valores das pessoas, problematizando a frequência com o que eles aparecem especializados nos sítios arqueológicos. Por ser a cultura material uma parte importante do estudo da história, especialmente quando se trata de entender como as sociedades se desenvolveram ao longo do tempo, esta pesquisa espera contribuir para o conhecimento sobre os objetos que as pessoas usavam e produziam, interpretando-os a partir de análises coletadas e nisso obtiveram-se importantes descobertas sobre costumes, valores e práticas culturais.

Os artefatos e o ambiente construído, assim como a paisagem cultural, são exemplos de elementos da cultura material que podem nos revelar muito sobre essa microrregião, muito embora os artefatos identificados sejam objetos simples e de uso cotidiano, como colheres, facas e fragmentos de louças, garrafas, faianças, material vítreo, cerâmicos e material de uso construtivo, como tubulações (manilhas), telhas e tijolos, todos de argila, bem como estruturas de edificações históricas e contemporâneas. Eles nos dizem muito sobre a sociedade que os utilizou. Levando em conta também pinturas, cerâmicas, roupas e outros objetos ornamentais que refletem a cultura da época. Além de

ambiente construído incluindo edifícios, casas e outras estruturas que atendiam às necessidades das pessoas, em uma região fabril, com olarias, madeireiras, casas de salga, curtumes cervejaria e até um matadouro municipal.

Contudo, o estudo da cultura material pode se concentrar em um período específico da história ou em uma região geográfica particular. No caso desta pesquisa, houve uma região específica com pelo menos três períodos identificados.

A cultura material de uma microrregião reflete a forma como as pessoas daquela região vivem e se relacionam com o ambiente e entre si. Essa cultura material pode ser observada em diversos aspectos, como na arquitetura das casas, nos costumes alimentares, nos objetos de uso cotidiano, entre outros.

Ao analisar a cultura material de uma microrregião, é possível entender os valores, crenças, hábitos e costumes das pessoas que ali vivem e ao relacionar essa cultura com a história social de uma cidade, é possível compreender como esses elementos foram construídos ao longo do tempo e como se relacionam com os eventos históricos e as transformações sociais daquela região. Por exemplo, analisando a cultura material identificada nessa região focal do PROSAMIM III, podemos entender como toda essa materialidade foi depositada ao longo dos anos, tanto pela forma de descarte em quintais, como no caso do sítio arqueológico vila de São Francisco, e aterros da virada do século XIX para XX, a exemplo do sítio arqueológico Igarapé Belchior, na parte do bairro de Aparecida.

Dessa forma, relacionar a cultura material de uma microrregião com a história social de uma cidade é uma maneira de compreendermos melhor a formação e as transformações culturais e sociais de uma região, bem como de valorizar e preservar as identidades culturais locais.

O número total de artefatos coletados e analisados, entre fragmentos e objetos inteiros, chegou a aproximadamente 600, além de algumas dezenas de edifícios históricos identificados, como a ponte velha, os curtumes, os tanques de salgas, e casa de arquitetura histórica. Sendo que foram três os períodos identificados a partir da cultura material, coletada e analisada no projeto de arqueologia urbana do PROSAMIM III nessa fase.

O primeiro período se refere ao mais antigo, com fragmentos de artefatos cerâmicos, de origem pré-colonial (indígena antiga), pois já se é sabido que povos anteriores à chegada dos europeus já habitavam estas terras há milhares

de anos.

O segundo período se refere ao que se convencionou chamar de *belle époque*, que vai do final do século XIX ao início do século XX. Esse momento é identificado nos artefatos pelo estilo das peças e fragmentos de peças, como louças, talheres, objetos domésticos, etc. e dos edifícios, com uma arquitetura sob os rígidos padrões das posturas municipais da época, que se comunicavam com padrões internacionais, além de dentes de gado coletados nas proximidades do antigo matadouro municipal.

O terceiro período identificado, é o mais contemporâneo relacionando-se com as habitações que havia até o momento da execução do PROSAMIM III, as palafitas que se aglutinavam nas margens e adentravam o igarapé do São Raimundo.

Dentre os três períodos apresentados, o que expôs a maior incidência de material arqueológico coletado foi o período histórico da virada do século XIX para o início do século XX, momento de intensas transformações e de atividades econômicas em Manaus, com o surgimento de lojas de utensílios domésticos e variedades, perfumarias, remédios, roupas e acessórios, que combinavam com um estilo de vida burguês da *belle époque* e até posteriormente a ela.

Não digo com isto que toda essa materialidade fosse acessível a todos, como observa Monteiro (2016), pois, na casa amazonense, antes de toda essa transformação, havia poucos utensílios domésticos, no que se refere aos indígenas, exceção de redes, bancos de madeira, objetos de argila, madeira e cuias, o que não se diferencia muito com a miscigenação e a formação do caboclo, para os quais se acrescentam móveis geralmente de madeira rústica. E no que se refere à arquitetura das moradias, é vernácula, fazendo-se uso de madeira e palha, o que se modifica somente com as transformações sociais e as exigências estatais, como aquelas impostas nos períodos colonial e imperial e mesmo na transição do Império para a República velha, com os códigos de postura municipal ditando as formas de construção e arquitetura.

Essa materialidade cultural, em forma de objetos, é identificada nos sítios arqueológicos, mas não de toda forma, pois no clima quente e úmido equatorial, não se preserva por muito tempo matéria orgânica. Logo, madeira, palha e cuias desaparecem muito rapidamente do contexto arqueológico, o que se conserva são artefatos de fabricação mineral, feitos de argila, vítreos ou líticos (Monteiro 2016).

Edinea Dias (1999), que estudou a Manaus dos anos de 1890-1920, período de transformações e surto de urbanização, esclarece que, graças a investimentos propiciados pelo acúmulo de capital, via economia do látex, Manaus se transformara. Toda essa euforia do capital, trouxe a Manaus mercadorias do mundo todo, objetos de louças, perfumarias, porcelanas inglesas, chinesas, faianças portuguesas, garrafas de grés holandesas, material vítreo como garrafas de remédios, boticários, entre outros, além de pratarias, talheres, material construtivo para casas e tubulações de argila (manilhas) e de ferro.

Com tudo isso acontecendo, ocorreu a modificação da paisagem cultural, pois a cidade passou por transformações como: aterros de igarapés, construções de pontes e prédios públicos, casas de arquitetura controlada pelo código de postura, construções de fábricas, curtumes, casas de salga, matadouro, ampliação das margens urbanas, com novos bairros ocupados por imigrantes, migrantes de todas as partes do interior do estado e do nordeste do Brasil, em busca de melhor qualidade de vida, e de outras partes do mundo: Europa, Oriente Médio, África, Ásia e Américas do Norte e do sul. Desses, alguns fugitivos, outros donos do capital, mas todos ansiosos por ganhos na “cidade do fausto, do poder, harmoniosa e sem problemas – pretendida e desejada pela elite extrativista (DIAS 1999:18).

Portanto, toda a cultura material tem alto potencial de estudo, como ratifica Ulpiano Meneses:

...o potencial da cultura material na exploração de informação ultrapassa o domínio usual da cronologia, tecnologia e organização econômica (subsistência) [...], indo além, logo que; constitui um código próprio, a ser decifrado segundo sua natureza e não por redução aos códigos verbais não na dependência de textos e sim autônomos (MENESES 1983:117).

Portanto, pode-se enfim afirmar que a cultura material coletada na microrregião do igarapé do São Raimundo é um recurso valioso para o conhecimento da sociedade manauara antiga, desde que seja compreendida em sua complexidade e diversidade e não apenas como um reflexo ou efeito passivo da conjuntura mais geral. Nessa perspectiva, a pesquisa procurou entender o significado dessa materialidade e suas relações sociais locais e gerais,

buscando esclarecer quais as teias de significados que ligam esta sociedade a partir da fonte ou documento artefactual.

Não se buscou, nesta investigação, entender a agência dos sujeitos envolvidos no cenário apresentado a partir de uma interpretação pré-definida, mas sim fazer com que essa intencionalidade, se possível, fosse exposta a partir das fontes, muito embora cada fragmento ou artefato coletado, ou seu conjunto, analisado no processo laboratorial, permita ao pesquisador interpretar, a partir dos dados, a dimensão simbólica e cheia de significados dessa materialidade. Trata-se essa cultura material como fonte primária, sendo documento não escrito em papel nem em rocha, mas, como objetos ou estruturas construídas cheias de significados, significantes, que revelam informações importantes sobre a sociedade que os produziu e que se tenta decodificar, à medida que o pesquisador as estuda no laboratório ou no próprio local, no caso das estruturas edificadas, onde todas as peças são tratadas num processo de curadoria, que envolveu desde sua coleta, passando pela limpeza, triagem e análise dos vestígios culturais, chegando, a partir dessas análises, a seus significados funcionais e simbólicos dentro de uma determinada sociedade estudada.

05 – REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. I.; QUEIROZ, S. **Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte : Autêntica; FALE/UFMG, 2004.

ARANTES, Antonio A. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas : Editora da Unicamp/Imprensa Oficial, 2000.

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. **Revista USP**. São Paulo, n.44, p. 32-51, dezembro/fevereiro 1999-2000.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da Cultura**. São Paulo : Editora Brasiliense, 1987.

BENTES, Dorinethe dos Santos. **Outras faces da história: Manaus de 1910-1940**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília : Senado Federal Centro Gráfico, 2016.

BRASIL. LEI DELEGADA nº 02, de 14 de abril de 2005. Disponível em: https://legisla.imprensaoficial.am.gov.br/diario_am/11/2005/4/1900. Acesso em:

09/5/2023.

BRASIL. LEI DELEGADA nº 57, de 29 de julho de 2005. Disponível em: https://legisla.imprensaoficial.am.gov.br/diario_am/11/2005/7/1993?modo=lista. Acesso em: 09/5/2023.

BROCHADO, J. P.; LATHRAP, D. W. **Chronologies in the New World**. Manuscrito não publicado, 1982.

BROCHADO, J. A expansão dos tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. **Dédalo** 9(17-18): 41-47, 1989.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro : Zahar, 2004.

CALDERON, Carmen Betel Rocha. **Paisagem cultural do Bairro do São Raimundo**. Manaus : IPHAN/AM, 2009.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo : EDUSP, 2008.

CHARTIER, R. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa : DIFEL, 1990.

CODOMAR Companhia Docas do Maranhão. **Relatório Ambiental (RA) para obtenção da licença de operação para a dragagem de manutenção da Hidrovia do Rio São Francisco, trecho Pirapora/MG – Juazeiro/BA**. São Luiz: Consórcio LAGHI – MRS – CARUSO JR., 2014. https://licenciamento.ibama.gov.br/Hidrovia/Hidrovia%20do%20Sao%20Francisco/Estudo_Ambiental_Hidrovia%20do%20Sao%20Francisco/RA/RELATORIO_AMBIENTAL_RA.pdf Acesso em 18/07/2024.

COSTA, Deusa. **Quando viver ameaça a ordem urbana: trabalhadores de Manaus (1890/1915)**. Manaus : Valer, 2014.

COSTA, Diogo M. O urbano e a arqueologia: uma fronteira transdisciplinar. **Vestígios**, v. 8, n. 2, p. 45-71, julho-dezembro 2014.

COSTA, Diogo Menezes. Arqueologia Histórica Amazônica: entre sínteses e perspectivas. **Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, p. 154-174, 2017.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do fausto: Manaus, 1890-1920**. Manaus : Valer, 1999

DUARTE, Durango. **Manaus entre o passado e o presente**. Manaus : Mídia Ponto Com, 2009.

FUNARI, Pedro P., POLONI, Rita J. S. Arqueologia urbana: trajetória e perspectivas. **Revista do Arquivo Municipal**. Arquivo Histórico de São Paulo, ano 80, vol. 205, pp. 137-154, 2014.

FUNASA. **Fundação Nacional de Saúde (Funasa)**. Disponível em: <http://www.funasa.gov.br> Acesso em 13/10/2023.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretações das culturas**. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do EU na Vida cotidiana**. Petrópolis : Vozes, 2006.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política**. Vol. 3. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2016.

GROBE, Cristiana M. P. **Manaus e seus Igarapés: a construção da cidade e suas representações (1880-1915)**. Dissertação de Mestrado em História. PPGH/UFAM, 2014.

- HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo : Companhia das Letras, 2015.
- HILBERT, P. **Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas**. Berlin : Dietrich Reimer Verlag, 1968.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas : Editora da UNICAMP, 1990.
- LIMA, Tânia Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.-abr. 2011.
- LOWIE, R.H. The tropical forests: an introduction. In: STEWARD, J. H. (ed.). **Handbook of South American Indians**, Vol. 3, Washington, D.C. : Bureau of American Ethnology Bulletin, Vol. 143, pp. 1-56, 1948.
- MAPA DA ÁREA URBANA DA CIDADE DE MANAUS. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SEDECTI). 2017. Disponível em: https://www.sedecti.am.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Mapa_%C3%A1rea_urbana_da_cidade_de_Manaus.pdf Acesso em 10/3/2023.
- MEGGERS, Betty J. **Amazônia: a ilusão de um paraíso**. Belo Horizonte/São Paulo : Itatiaia/Edusp, 1987.
- MENESES, Ulpiano T. B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, n. 115, p. 103-117, 1983. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61796>. Acesso em 14/6/2023.
- MENESES, Ulpiano T. B. Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual: Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.23 n 45, p. 11-36, 2003.
- MESQUITA, O. **Manaus: História e Arquitetura (1669-1915)**. Manaus : Valer, 2019.
- MONTEIRO, Mário Ypiranga. **História da Cultura Amazonense**. Manaus : Fundo Municipal de Cultura, 2016
- NEVES, Eduardo. O velho e o novo na arqueologia amazônica. **Revista USP**. São Paulo, n. 44, p. 86-111, dezembro/fevereiro 1999-2000.
- NEVES, Eduardo. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro : Zahar, 2006.
- NONATO, Áureo. **Os bucheiros: um memorial de infância**. Manaus : SECOM, 1986.
- OLIVEIRA, J. A. A produção do urbano na periferia: a decadência de Manaus da belle époque. In: **X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo : Departamento de Geografia, FFLCH/USP, 2005.
- OLIVEIRA, J. A. Espaço-tempo de Manaus: a natureza das águas na produção do espaço urbano. **Espaço e Cultura**, n. 23, p. 33-41, jan./jun. 2008.
- PANOFISKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo : Perspectiva, 2007.
- PINHEIRO, M. L. U. A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925). **Projeto História**, vol. 16, 1998. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11201> Acesso em 18/7/2024
- PLANO DE GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS PROSAMIM III. Disponível em: <http://www.ipaam.am.gov.br/wp-content/uploads/2021/11/prosamim-iii->

igarap%c3%a9-s%c3%a3o-raimundo-plano.pdf Acesso em: 09/5/2023.

PROSAMIM. Disponível em: <http://www.ipaam.am.gov.br/prosamin-iii-bacia-igarape-sao-raimundo/>. Acesso em 05/4/2023

RABINOW, Paul. Política da verdade: Paul Rabinow entrevista Michel Foucault. In: _____. **Antropologia da razão**. Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2002.

REDE, Marcelo. História e Cultura Material. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Novos domínios a História**. Rio de Janeiro : Elsevier, 2012, p. 133-150.

RELATÓRIO FINAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO BELCHIOR SEGUNDA VERSÃO CORRIGIDA DE ACORDO COM A INFORMAÇÃO TÉCNICA N° 201/2013/IPHAN/AM. Produzido pela empresa Supysaua Arqueologia, Coordenação de Maria Arminda Mendonça de Souza. Manaus : IPHAN, 2013. (acervo do Laboratório de Arqueologia Alfredo Mendonça de Souza SEC-AM)

RIBEIRO, Rafael W. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro : IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROLNIK, Raquel. **Cidade e história: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, UFBA, 1992.

ROOSEVELT, Anna C. *et al.* Determinismo ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In: NEVES, W. A. (org.). **Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia**. Belém: MPEG/CNPq/SCT/PR, 1991, p. 103-141.

SAMPAIO, P. M. (org.). **Posturas municipais: Amazonas 1838-1967**. Manaus : EDUA, 2016.

SCIFONI, Simone. **Verbetes: Paisagem Cultural**. IPHAN - Dicionário do Patrimônio Cultural. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/82/paisagem-cultural> Acesso em 17/7/2024.

SILVA, C. F. Paisagem cultural: conceitos, definições e perspectivas de estudo. **Revista Paisagem e Ambiente**, v. 32, p. 177-189, 2013.

SOUZA, L. J. B. **Cidade flutuante: uma Manaus sobre as águas (1920-1967)**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, PUC-SP, 2010.

SOUZA, Maria Arminda Mendonça de. **Relatório Parcial de Arqueologia do Sítio Arqueológico Urbano ORLA RN/MD - AM- MA-116 entregue ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Manaus : IPHAN/AM, 2015.

SOUZA, Rafael de A. Grés, vinho e imigração: arqueologia de uma produção vitivinícola, São Paulo, 1920-1950. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi. Ciências Humanas**, vol. 8, n. 1, p. 39-58, 2013.

STASKI, Edward. Advances in Urban Archaeology. In: SCHIFFER, M. (ed.). **Advances in Archaeological Method and Theory**. Vol. 5. New York : Academic Press, 1982, p. 97-149. <http://www.jstor.org/stable/20210054> Acesso em 18/7/2024.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.

TRIGGER, B. G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo : Odysseus

Editora, 2004.

UGPE - PROGRAMA SOCIAL E AMBIENTAL DOS IGARAPÉS DE MANAUS (PROSAMIM). Disponível em: <http://www.ugpe.am.gov.br/programas/prosamim/> Acesso em 20/4/2023.

UNESCO. Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural. Paris, 1972. <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf> Acesso em 17/7/2024.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro : Zahar, 1979.

ZANETTINI, P. **Projeto ArqueoUrbs: Arqueologia Urbana no Centro Histórico de Manaus**. Relatório Técnico. Superintendência Regional/IPHAN - Manaus, 2002.